



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CESAR ADRIANO RIBEIRO NUNES

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NA GESTÃO ESPORTIVA A PARTIR DE
JACOB LEVY MORENO: o Psicodrama como mediação da consciência de si e da resolução
de conflitos na dinâmica da formação e do desempenho esportivo.**

CAMPINAS - SP

2018

CESAR ADRIANO RIBEIRO NUNES

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NA GESTÃO ESPORTIVA A PARTIR DE JACOB LEVY MORENO: o Psicodrama como mediação da consciência de si e da resolução de conflitos na dinâmica da formação e do desempenho esportivo.

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação na área de Educação.

Supervisor/Orientador: Dr. Valerio José Arantes

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO CESAR ADRIANO RIBEIRO NUNES, E ORIENTADA PELO PROFESSOR DR. VALERIO JOSÉ ARANTES.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

ORCID: 0000-0001-7850-2463

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Pablo Cristian de Souza - CRB 8/8198

N922c Nunes, César Adriano Ribeiro, 1987-
A contribuição da psicologia na gestão esportiva a partir de Jacob Levy Moreno : o psicodrama como mediação da consciência de si e da resolução de conflitos na dinâmica da formação e do desempenho esportivo. / César Adriano Ribeiro Nunes. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Valério José Arantes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Psicologia. 3. Esporte. 4. Psicoterapia de Grupo
. I. Arantes, Valério José, 1949-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The contribution of psychology in sports management from Jacob Levy Moreno : the psychodrama as mediation of self-awareness and conflict resolution in the dynamics of training and sports performance.

Palavras-chave em inglês:

Education

Psychology

Sport

Psychodrama

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Valério José Arantes [Orientador]

José Renato Polli

Maria Cristiani Gonçalves Silva

Data de defesa: 12-12-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NA GESTÃO ESPORTIVA A PARTIR DE JACOB LEVY MORENO: o Psicodrama como mediação da consciência de si e da resolução de conflitos na dinâmica da formação e do desempenho esportivo.

AUTOR: CESAR ADRIANO RIBEIRO NUNES

COMISSÃO JULGADORA:

Valerio José Arantes (orientador)

José Renato Polli

Maria Cristiani Gonçalves Silva

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

CAMPINAS

2018

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho ao meu pai Cesar Aparecido Nunes e minha mãe Cleide Aparecida Ribeiro Nunes que estiveram sempre ao meu lado até aqui. Sem a confiança de vocês as coisas seriam mais difíceis. Hoje me sinto realizado e pronto para encarar os novos desafios da vida.

À minha esposa, Camila Pedroso Salaro Nunes, pessoa que escolhi para partilhar os sonhos e dividir a vida.

Muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço o Professor Dr. Valerio José Arantes pelo apoio neste processo acadêmico e por ter despertado em mim a convicção de que a Psicologia pode nos auxiliar sempre na busca pela compreensão do agir humano.

Aos professores (as) Dr. José Renato Polli, Dra. Orly Z. M. de Assis e Dra. Maria Cristiani Gonçalves Silva, pela generosa contribuição na finalização deste trabalho.

Aos colegas do programa da pós que estiveram junto comigo nesses três anos, oferecendo apoio pessoal e profissional para a realização deste estudo.

RESUMO

Estudo qualitativo de natureza bibliográfica sobre as possibilidades emancipatórias do manejo das concepções e das metodologias criadas por Jacob Levy Moreno para o tratamento psicoterapêutico de natureza coletiva através do teatro e das situações de jogos psicodramáticos. Estuda o Psicodrama e o Sociodrama como mediações interpretativas das condições de formação e de atuação no mundo do Futebol, a partir da recuperação crítica do próprio itinerário profissional e das observações da vida cotidiana dos atletas desta modalidade, desde as formações de base até a profissionalização. Apresenta a teoria e a prática do psicodrama e explora suas possíveis utilizações educacionais do campo da gestão esportiva, a partir das contribuições da Psicologia da Educação.

Palavras-chave: Educação. Psicologia. Esporte. Psicoterapia de Grupo.

ABSTRACT

Qualitative study of a bibliographical nature on the emancipatory possibilities of the management of the conceptions and methodologies created by Jacob Levy Moreno for the psychotherapeutic treatment of a collective nature through the theater and situations of psychodramatic games. It studies Psychodrama and Sociodrama as interpretive mediations of the conditions of formation and performance in the world of Football, starting from the critical recovery of the professional itinerary itself and the observations of the daily life of the athletes of this modality, from the basic formations until the professionalization. It presents the theory and practice of psychodrama and explores its possible educational uses in the field of sports management, based on the contributions of Educational Psychology.

Key words: Education. Psychology. Sport. Psychodrama.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO, PSICOLOGIA DO ESPORTE E FUTEBOL: o Psicodrama como mediação de conflitos e de complexos	14
1.1 Educação, Esportes, Psicologia e Gestão Desportiva	14
1.2 A Psicologia de Jacob Levy Moreno e o Futebol	23
CAPÍTULO II - OS RECURSOS DO PSICODRAMA NO CAMPO DESPORTIVO: dimensões teóricas e potencialidades práticas	36
2.1 Uma incursão histórica pelos campos do Futebol e da Memória	39
2.2 A Psicologia, o Esporte e a Formação Humana e Profissional	43
2.3 As estruturas da vida esportiva no Futebol e seus conflitos (in) visíveis	51
CAPÍTULO III - O PSICODRAMA NA REALIDADE DO ESPORTE: considerações sobre a Psicologia da Educação e do Esporte na formação do atleta como fator de autoestima e de humanização	54
3.1 A Psicologia do Esporte e suas potencialidades	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

A pesquisa que relatamos no presente instrumento teve como intenção a tarefa de investigar as características da gestão desportiva no âmbito da prática do Futebol, um esporte de alto rendimento, e dentro desta modalidade de Esporte, analisar e interpretar as necessárias disposições e identificar as possíveis contribuições da Psicologia, em sua concepção de conjunto e de totalidade, na cultura do desenvolvimento esportivo, do desempenho e da gestão esportiva no Brasil. A área da Psicologia da Educação pode ser um valioso universo de reflexão sobre a identidade dessa forma de prática social, o esporte do futebol, e pode contribuir com todas as suas composições e protagonistas, o atleta, o gestor desportivo, os agentes multidisciplinares das comissões técnicas, a representação dos clubes, as torcidas organizadas e a cultura social do Futebol, entre outros. Não nos dedicamos a todos esses sujeitos e protagonistas na presente pesquisa. Nosso recorte de investigação permaneceu ao redor da formação do atleta, ampliou-se um pouco mais para a consideração da dinâmica dos clubes e consolidou-se na busca da comprovação da possibilidade de contribuição dos recursos de uma escola ou de uma parte da Psicologia, a produção e a construção científica e metodológica de Jacob Levy Moreno (1889-1974), apropriada aqui como mediação para a compreensão da realidade do desempenho e da dinamicidade da prática desportiva.

A Psicologia da Educação busca estudar o fenômeno e a prática social da Educação a partir das plurais e das fecundas linhas e escolas teóricas da Psicologia, atravessando a prática educacional com os questionamentos de natureza crítico-psicológica. Nossa intenção sempre foi a de buscar apropriarmo-nos das potencialidades reflexivas e mediadoras do Psicodrama e do Sociodrama, nascidos a partir de Jacob Levy Moreno, para aferir sua aplicabilidade e defender seu eficiente manejo na vida esportiva e nas práticas de formação que envolve o esporte e suas diversas possibilidades sociais e culturais.

Entre as diversas escolas, as polifônicas teorias e as pluralistas abordagens da Psicologia, escolhemos a distinta contribuição de Jacob Levy Moreno para a decifração da condição humana, para a compreensão dos dramas e das frustrações, das motivações e das potencialidades do desenvolvimento e do agir humano, tanto subjetivamente quanto em sociedade. A criação e organização, teórica e política, do Psicodrama e do Sociodrama como ferramentas para simbolizar as dúvidas, os fracassos, as neuroses e as vivências contraditórias de nossa vida social e singular acabou por traduzir-se num dos mais ricos instrumentos de gestão do cotidiano esportivo e de encaminhamento dos percalços de nossa formação afetiva, psicológica e moral. Pretendemos, no transcorrer de nosso percurso formativo vivido no

campo da *Psicologia, Educação e Desenvolvimento Humano*, nos apropriar dos recursos do Psicodrama para trabalhar a realidade de vida dos atletas e identificar as maiores dificuldades de natureza psicológica, que acabam por interferir em suas aspirações desportivas e em suas imagens sociais. Como sujeito e participante da vida esportiva em diferentes clubes e em diversos certames, de diferentes graus e de amplas dimensões, em países e situações complexas e exigentes, guardamos significativas lembranças e inusitadas experiências que nos auxiliam a tentar interpretar essas contradições e vislumbrar as possíveis potencialidades de superação de muitos embates vividos nesse percurso formativo e nessa trajetória profissional.

A *gestão esportiva* acompanha a constituição social do esporte. Nesse conceito de gestão desportiva descortinam-se muitas variáveis e aplicam-se a diversos campos de atuação. Não se trata aqui de entender a gestão desportiva somente como a administração ou o gerenciamento de clubes, no campo *administrativo, financeiro, institucional ou social*. Entendemos por gestão desportiva a atuação racional e orientacional sobre dinâmica interna da vida dos atletas, a relação com sua prática formativa, as relações entre os próprios jogadores, as relações com suas famílias e com as torcidas dos clubes, de diversas proporções, a relação com o Treinador, as formas de lidar com as expectativas da sociedade e a representação social do Futebol sobre as vidas dos jogadores, entre outras tantas variáveis. E todas essas dimensões não se separam das matrizes políticas que regeram nossa experiência histórica, guardando estreita dependência dessa articulação.

Tivemos uma atuação no campo desportivo do Futebol por 12 anos, sendo que em 05 anos participamos das Escolas de Bases de importantes clubes de futebol do Brasil e por 07 anos atuamos no nível de atleta profissional de futebol, igualmente participando de campeonatos com vínculos e contratos com clubes nacionais e do exterior. Hoje nos dedicamos ao ensino e à prática da Educação Física, atuando como professor e como Coordenador de Esportes, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. A dimensão da Educação e a identidade da Escola é igualmente o espaço de referendar esse perfil da atuação dos profissionais de Educação Física, que acabam assumindo a gestão das atividades de formação desportiva no espaço escolar.

Ao escolher efetuar a apropriação e o manejo da identidade do Psicodrama e do Sociodrama de Moreno, de explorar suas potencialidades aplicativas e esclarecedoras, acreditamos ter realizado uma inovadora leitura do percurso formativo de atletas de futebol e de contribuir para que a dinâmica de resolução de tantos conflitos que pesam sobre a vida atlética sejam efetivamente reconhecidas e melhoradas. Não atuamos hoje como técnicos de futebol, mas acabamos assumindo essa função junto aos alunos da Educação Básica e, nesse

trabalho, buscamos apresentar as contribuições de Moreno nesse universo, de modo a não repetir as mesmas causas de frustrações e de conflitos que vivenciamos em nosso percurso formativo e profissional.

Sabemos hoje que o perfil do Professor de Educação Física encontra-se entre duas grandes coordenadas, a primeira, a experiência histórica efetiva das demandas sociais, e a segunda, a projeção que se faz através das diretrizes e das concepções que se delineiam nas políticas curriculares projetadas pelas agências e pelos órgãos responsáveis pela estruturação das políticas de formação de educadores, de modo geral e, em caso específico, das políticas de formação do profissional de Educação Física. Não há como dissociar da ação profissional do Professor e do Graduado em Educação Física a questão da educação e da gestão desportiva, no sentido que lhe configuramos. Nesse sentido, nosso propósito tem a finalidade de contribuir para que os professores de Educação Física que atuam em dinâmicas formativas de esportes, destacadamente do Futebol, possam sentir-se sensibilizados a conhecer melhor a metodologia de Jacob Levy Moreno e de seus continuadores, para a possível intervenção pedagógica na direção de promover a plenitude da humanização e da formação de uma qualidade esportiva voltada para a vida e para a cidadania.

Organizamos, nesse trabalho de investigação, as premissas dessas coordenadas históricas, políticas e curriculares para o campo da Educação Física, com a mediação da Psicologia da Educação, com a deliberada intenção de finalizar nosso processo de formação no Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Esses estudos estão integrados ao presente trabalho dissertativo, após fecunda e generosa contribuição da Comissão Julgadora por ocasião do Exame de Qualificação, acrescidos de nossa interpretação final desse tema de pesquisa, que ora submetemos à defesa pública.

Temos clareza de que todas as pesquisas que realizamos estão sempre marcadas pela provisoriedade da conjuntura e inserem-se na arbitrariedade da dinâmica dialética da realidade. Por isso, ao final desse trabalho, testemunhamos que pudemos crescer humana e socialmente. Após efetuar esse processo de leituras e de interpretações, olhando para nossa própria experiência esportiva e para nossa formação, somos tomados por um sentimento de realização e de alegria. O contato com a Psicologia da Educação, a descoberta da atualidade das mediações de Moreno, a constatação da necessidade de tantos atletas e de tantos campos de atuação da realidade esportiva do Brasil nos indagam, cada dia, por novos e criteriosos estudos e pesquisas.

Nesse sentido, reconhecemos que nosso trabalho somente pode ser considerado como um ponto de partida, e não como um apito final. Usando a metáfora do jogo, que tanto

marcou nossa existência e ainda a marca, estamos no começo de um jogo exigente, que está somente no seu início. Precisaremos ter o planejamento esportivo e a disposição atlética vigorosa para dar conta de todas as jogadas necessárias para empreender o enfrentamento dos adversários e de todas as vicissitudes desta partida. A vitória que buscamos, no caso, não se reduz a uma mera superação numérica na competição esportiva. Vencer, aqui, significa competir, jogar, conhecer as regras, cumpri-las e superar, no transcorrer da jornada, todos os limites, sociais e culturais. Terminar bem a partida, com dignidade e com a sensação de ter dado o melhor de nós, é a maior vitória.

CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO, PSICOLOGIA DO ESPORTE E FUTEBOL: o Psicodrama como mediação de conflitos e de complexos.

No primeiro capítulo de nossa dissertação buscaremos expor as relações entre a Educação, entendida aqui como uma dimensão da prática social, com a própria Psicologia, assumida como uma das mais notáveis Ciências do comportamento humano, subjetivo e social, e depois, buscaremos articular as duas grande áreas do conhecimento humano numa análise hermenêutica dessa relação direta e conexa com a realidade complexa e pouco explorada do Futebol. Esse esforço analítico e interpretativo é fundamental para delinear as potencialidades das metodologias de Moreno para a resolução de conflitos e tensões vivenciados no campo da atuação esportiva. Esperamos conseguir efetuar essa articulação a contento para constituir o contexto real e conceitual de nossa pesquisa.

Historicamente a *gestão esportiva* revela uma intrínseca relação entre *saber e poder* e, por conseguinte, a transformação institucional da gestão do esporte dependerá da mudança que se espera reconhecer na sociedade. A gestão não é uma dimensão ou um ato neutro, ela sempre está carregada de interesses e de valores próprios da cultura dominante de cada sociedade. Desta forma, os projetos de gestão esportiva, tanto os do passado quanto esses do presente, são o resultado dos *jogos de poder* constantes em todas as esferas da ação humana. A função de gestor esportivo, tanto na escola quanto nos clubes esportivos profissionais, ou mesmo nas esferas de formação, muitas vezes, é uma atividade a mais que o treinador esportivo e o professor de educação física exercem em seus respectivos ambientes de trabalho, porém é inegável que as pessoas sob seus cuidados estão em processos de ampla interação social e de singular formação pessoal.

1.1 Educação, Esportes, Psicologia e Gestão Desportiva.

Estes são processos constituintes do ser humano, em seus níveis subjetivos e sociais. Entendemos por educação, em primeira instância, a dimensão que nasce como algo inerente à condição humana, nessa compreensão educar seria *hominizar-se*¹, tornar-se ou fazer-se homem diferenciando-se, porém, do considerado mundo instintivo, definido como próprio do mundo selvagem, que é o estado natural, tornando-o um ser diferente de sua

¹ Extraímos da contribuição de NUNES, C. que afirma ser a noção de *hominização* derivada da palavra latina *homo, homini*, – que significa humano, o gênero humano – sem prévia identificação sexista. *Hominizar-se* significaria tornar-se humano, uma ação interna, voltada para si. *Humanizar* seria ação do homem sobre o mundo, de dinâmica externa, voltada para fora, não se identificando estritamente com o fazer-se homem, mas sim na direção de fazer do mundo externo, natural e cultural, à medida do Homem (NUNES, 2003, p.13).

natureza instintiva. Assim, a constituição da condição humana seria resultante de um processo civilizatório que, em última instância, é um processo educativo, próprio da prática social. Educar seria a produção social do homem.

A Educação é a nossa consideração comum e basilar, entendida aqui como a produção social do homem e de sua condição ontológica. A educação é uma das principais dimensões da prática social, isto é, através da Educação os grupos e as gerações humanas foram conservando suas conquistas e suas descobertas e foram transformando sua própria identidade, bem como das demais gerações e pessoas. A Educação consiste, portanto, desde suas origens, num processo de *endoculturação*, isto é, de introduzir na totalidade da experiência humana a cada pessoa ou novo ser que venha a nascer. Pela educação transmitimos nossa cultura humana, pelos meios e pelos símbolos sociais basilares como a linguagem, os papéis sexuais, os fundamentos morais e culturais, os ritos religiosos e as práticas de trabalho. Esses campos de ação humana estão imbricados nas práticas de sobrevivência dos grupos humanos e sofreram longos acúmulos e notáveis inserções nesses milhões de anos de evolução dos grupos humanos. Pela educação, aqui assumida no *sentido lato*, as comunidades grupais se transformaram em comunidades humanas.

Com a constituição das precárias e das esparsas experiências coletivas de organização do trabalho, entre os quinto e terceiro milênio antes de Cristo formaram-se as grandes *civilizações de regadio*, reunidas e sedimentadas ao redor de grandes rios, configurando o nascimento das primeiras civilizações conhecidas, estruturadas sobre a invenção e o controle da agricultura e da pecuária, bem como com a superação do nomadismo primitivo. Estas civilizações estruturaram-se sobre o escravismo antigo e sobre a supremacia militar e bélica, de modo que umas superaram outras, dando lugar a uma era basilar da cultura humana, definida como a Idade Antiga ou o Escravismo Antigo. São exemplos dessa época as civilizações do Egito, da Pérsia, da Fenícia, da China, dos Hebreus, da Índia, da Babilônia, da Assíria, da Grécia e de Roma, para ficar nas principais.

Nestas sociedades, de organização escravista, com acento militar e dependência teocrática, surge a instituição que denominamos como Escola. A Escola é uma instituição nascida a partir da ordenação das sociedades escravistas e sua finalidade primordial era realizar a transmissão desigual das funções, dos saberes e dos poderes socialmente necessários. A escola antiga chinesa formava o mandarim, a casta dominante. A escola hindu era voltada para os filhos dos nobres, a escola egípcia acolhia somente os filhos do Faraó, a escola persa era exclusividade das famílias nobres. Essa escola, nobiliárquica e escravocrata, transformou-se em modelo de Educação e de Escola com a civilização e o poderio cultural da

dominação dos Gregos, sob a expansão helenista de Alexandre Magno (356-323 a.C.). A experiência política de gestão das cidades gregas, denominada *pólis*, da qual a mais esplendorosa foi Atenas que, desde o século VI A.C., constituiu o paradigma educacional arquetípico, conhecido pelo nome de Paideia Grega, foi a grande mãe ou berço da Escola Antiga.

Portanto, conforme vimos acima, dividimos nossa compreensão do que seja Educação em dois níveis, o primeiro, no *sentido lato*, definindo-a como processo civilizatório, no transcorrer das transformações estruturais operadas no mundo da materialidade, gerando, dessa forma, os instrumentos necessários para as pessoas e as gerações seguintes evoluírem para uma vida em sociedade.

Já num segundo nível podemos compreendê-la no *sentido restrito*, numa realidade já avançada, institucionalizada, como a produção e transmissão formal de conhecimentos, de práticas de condutas e de valores socialmente aceitos. Nessa segunda consideração identificamos a educação como processo de escolarização, coincidente com a invenção da Escola (NUNES, 2003, p. 59).

A Paideia Grega, isto é, o ideal educativo grego, transformou-se em paradigma e modelo para todas as demais versões dessa instituição escolar e fundamentou as consequentes teorias e práticas de Educação. Os gregos criaram a Escola do Alfabeto, que foi a versão mais sólida e importante do mundo Antigo, sendo ainda considerada a primeira escola e o paradigma de concepção do que seja a instituição escolar.

O triunfo do Cristianismo, efetuado entre os séculos I e IV do mundo antigo, estendendo-se posteriormente por toda a Idade Média (476 d.C - 1453 d.C) definiu uma nova concepção de Educação e de Escola e por conseguinte, uma nova teoria ou concepção geral de educação, agora denominada de Paideia Cristã. A Educação e a Escola Medieval são constituições que somente poderão ser entendidas na esfera da hegemonia do Cristianismo sobre os povos denominados bárbaros, que foram amiúde cristianizados e aculturados ao Cristianismo.

As transformações econômicas, culturais e políticas que superaram as formas de organizar a vida, o trabalho e a cultura, no transcorrer dos séculos XV a XVIII são geralmente definidas como as Revoluções Burguesas ou Revoluções Modernas, efetuadas em todos os campos da ação humana, subjetiva e social. O Renascimento Artístico, Científico e Cultural, as expansões ultramarinas levadas a cabo por Portugal, Espanha, Itália, Holanda e, mais tarde a França e Inglaterra, alterariam as concepções e os costumes e modos de vida medievais. Inaugurava-se um novo mundo, um novo tempo, o mundo moderno e a Modernidade. Como

fruto e como resultado das revoluções modernas teremos igualmente a constituição de um novo ideal educativo e de uma nova escola, a Escola Moderna. As características da Escola Moderna seriam produzidas pela marcha da implantação das revoluções burguesas: uma escola leiga, gratuita, estatal, universal, pública e obrigatória.

É sabido que este processo histórico ocorreu de maneira tardia no Brasil. Ainda hoje buscamos encontrar uma concepção democrática e uma política educacional que se fundamente nos valores clássicos da Escola e da Pedagogia Moderna.

A Psicologia é uma das grandes conquistas das Ciências Modernas. Entendida como a “ciência ou estudo do comportamento e do psiquismo humano” tem como intenção institucional a busca da compreensão das características e das motivações do agir humano através do estabelecimento de princípios ou de campos gerais e universais, bem como pelo estudo de casos específicos. A Psicologia tem um campo interseccional em todas as ciências modernas, pode ser compreendida como uma ciência social, uma ciência de base biológica e médica, uma investigação neurológica e cognitiva, uma reflexão motivacional e psíquica, marcada pela polifonia e pela pluralidade. A cognição, os sentimentos, a emoção, a percepção, as motivações, a sexualidade, os relacionamentos interpessoais, o comportamento, a questão do cérebro, a personalidade, o inconsciente e os fenômenos de transcendência podem igualmente compor seus campos e seus temas de ação e de interesse. A Psicologia se constitui epistemologicamente no século XIX e desde então apresenta uma miríade de autores, escolas e abordagens diversas. Há fundamentos e teorias diversas entre si, tanto na definição do que seja propriamente a Psicologia quanto na forma de exercer suas dimensões na sociedade.

Nessa diversidade a Psicologia pode ser compreendida como teoria do comportamento humano e como método de avaliação e de tratamento de variáveis condições desse mesmo comportamento. Acaba por assumir uma dimensão terapêutica, seja na dimensão da Psicologia Clínica seja igualmente na forma de aconselhamento não clínico. Há ainda diversas e especializadas apropriações da Psicologia para determinadas áreas ou diferentes dimensões da prática social, denominadas de Psicologia Aplicada, que hoje abrangem amplas atuações no mundo do trabalho, na educação, na saúde, no campo forense, na dinâmica jurídica e, igualmente, no campo esportivo, a denominada Psicologia do Esporte.

Será precisamente nesse campo da Psicologia que buscaremos encontrar a especificidade de nosso estudo, de modo a decifrar as possibilidades de estabelecer uma fecunda apropriação das mediações de natureza terapêutica das inventivas características da

obra de Jacob Levy Moreno para a leitura, o encaminhamento e a resolução de problemas e de conflitos no campo da realidade vivencial do Futebol, de sua dinâmica e de seus agentes.

Entre a Educação, a Psicologia e o Esporte buscamos conhecer as formas de constituir as condutas e os símbolos de inspiração para as práticas humanizadoras e garantir a superação de nossos instintos e dimensões *protohumanas* ou primárias. Vale ressaltar que, nessa trajetória ontológica, nascida da prática social, os grupos humanos constituem uma disposição denominada como *violência*, que é constitutiva e inerente ao agir humano, que marca seu nascimento como ser cultural, decorrente do desamparo primitivo, de alguém que é totalmente dependente do outro.

Vimos essa definição no clássico texto **O Mal Estar na Civilização** Volume XXI² no qual Freud apresenta o “mal estar” como sendo inerente à dinâmica da vida humana em uma determinada civilização. Trata-se aqui de uma compreensão não moralista da condição de violência, assumida aqui como a reação de defesa, de autopreservação e de enfrentamento dos limites de cada existência e de seu processo de sobrevivência, complexo e árduo. Tal qual Freud (2003) concebeu e definiu, é a conceituação de *Civilização* que irá regular os vínculos entre os indivíduos, fonte do “*mal estar*”, já que tal relação é regida por uma instância que faz com que o homem se reconheça como finito, tendo limites materiais patentes e limitações de toda sorte e natureza. Freud (2003) ainda ressalta que “*o indivíduo, para viver em uma determinada civilização, terá que “domar” seus instintos agressivos; essa agressividade é inerente ao ser humano e precisará ser contida*”. Trata-se do reconhecimento dessa clivagem entre os instintos biológicos que marcam a primeira natureza, ainda selvagem e animal, e a segunda natureza, nascida da construção de símbolos e de práticas contingentes, no processo civilizatório e socializatório.

Esta concepção parte do reconhecimento de uma violência fundante na constituição da civilização humana, exigindo essa consciência de reconhecer-se como um ser de limitações e, portanto, carente e incompleto, que deverá produzir seus próprios meios de subsistência, estabelecer suas regras de convivência e de sobrevivência, singular e grupal, bem como inventar as formas de transmitir tais conquistas, formadas pelas descobertas e pelas invenções, culturalmente acumuladas, às novas gerações (NUNES, 2003, p. 59). Esse processo acontece de maneira dinâmica, pensada como um “*um triplo movimento (indissociável) de humanização, socialização - ingresso em uma cultura e subjetivação - singularização. O que o leva a dizer que não existe educação no sentido amplo*”

² FREUD, Sigmund. **Mal Estar na Civilização** Volume XXI. Editora Imago, 1996, p. 73-148.

(humanização) que não seja, ao mesmo tempo, educação em um sentido restrito (socialização e singularização)³”. Seguindo este caminho, sustentamos essa dialética explicativa de nossas categorias basilares na sempre atuante contribuição de Charlot (1996) que expressa ainda a consideração da educação (ou do processo educativo) como uma efetiva e rigorosa ação política:

Porque forma a personalidade segundo normas que refletem as realidades sociais e políticas. A educação age politicamente sobre o indivíduo fixando, no âmago mesmo de sua personalidade, estruturas psicológicas de dependência, de renúncia e idealização (CHARLOT, Bernard. 1996, p. 23).

O mesmo Charlot (1986) cita uma passagem em Freud (2003), no seu texto memorável **O Mal estar da Civilização** em que esse mestre da alma humana explicita tal questão: “o edifício da civilização repousa no princípio da renúncia às pulsões instintivas⁴”. Essa proposição vem destacada no pensamento de Nunes (2003, p. 59): “A comunidade humana, além da transmissão genética ou dos caracteres biológicos, tem a obrigação cultural e a necessidade da transmissão da carga simbólica, o repasse dos elementos básicos para a vida em sociedade”. Passada mais de uma década desta publicação, o autor retoma esta discussão em seu mais posterior estudo e livro⁵, no qual revê e amplia a noção de educação como:

(...) a cria da espécie humana não se torna homem se não se apropriar, com a ajuda de outros homens, dessa humanidade que não lhe é dada no nascimento, que é, no início, exterior ao indivíduo. A educação é essa apropriação do humano por cada indivíduo. A educação é hominização (CHARLOT, 2005, p. 56-57).

O ser humano não se divide, ele é totalmente humano. Essa dialética fundante da condição humana articula numa realidade subjetiva a totalidade da experiência vivencial, histórica e cultural. Conforme nos apresenta Nunes (2003):

(...) o homem, entendido em seu sentido genérico, tem que necessariamente repassar, de uma geração para a geração seguinte, um universo significativo de comunicação, de produção de linguagem, como um equipamento vivo de comunicação cultural, acrescida de um conjunto de prescrições morais e comportamentais, acrescentando ademais as referências ético-morais, quase sempre através da religião e das instituições basilares de uma sociedade (NUNES, 2003, p. 45).

Nessa mesma direção encontramos ressonância em Santos (2002), fazendo a mesma leitura do fenômeno que ocorria também na área da Educação, dando conta de que a utilização do termo *gestão*, naquela conjuntura, surgia como uma reação contrária ao caráter

³ CHARLOT, Bernard. in HADDAD, Jane. **Epistemologia da Pesquisa**. Curitiba, 2013.

⁴ FREUD, Sigmund. **O Mal Estar Na Civilização**, 1996, p. 48.

⁵ CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

tecnicista, supostamente neutro e descomprometido de que foi imbuído o termo *administração* esportiva, principalmente nos anos 1970, quando assumiu os mesmos princípios e práticas adotados pela área da *administração de empresas*, contrariando o significado da prática política e social de reconhecimento do caráter social do esporte e de seu sentido formativo. Segundo estudos de Cóssio (2010), a partir da segunda metade da década de 1990, entraria em cena a tese da gestão esportiva a partir de uma perspectiva *gerencialista*, baseada na busca da eficiência, na conquista da eficácia, na ampliação da produtividade e na busca de altos índices de resultados. Nessa lógica o *bom gestor* seria aquele que conseguiria os melhores resultados nos processos de avaliação externa, nos processos de competição e de aumento de bens ou de indicadores de capital econômico e material. Trata-se de ressignificar a categoria de gestão com as mesmas características da dinâmica produtiva do capital em seu estágio industrial e global.

Como estamos buscando caracterizar a categoria de gestão desportiva não poderemos nos descurar desse nicho de representação ideológica e política. A gestão do esporte acabaria por ser influenciada por esta significação denominada *taylorista-fordista*, assumindo aqui as mudanças estruturais do mundo da produção operadas nos séculos XIX e XX. BRACHT (2003) define amplamente esse fenômeno ao destacar que:

Não é de todo equivocada a afirmação de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos da atualidade. Sem dúvidas, o esporte faz parte hoje, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo. Tão rápido e tão “ferozmente” quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento (BRACHT, 2003, p. 23).

Dentro de uma perspectiva emancipatória, a gestão desportiva de inspiração democrática, em todas as suas formas e em seus diversos campos específicos de ressignificação, deve ser concebida como um espaço de deliberação coletiva (atletas, funcionários, torcedores, consumidores de eventos, pais, professores, alunos, comunidade) e assumida entre outros, como um fator de melhoria da qualidade de vida da sociedade, através do esporte. Buscamos nos inspirar nessa dimensão sócio-emancipatória da gestão desportiva, para empreender nosso estudo, a saber:

A fundamentação da gestão democrática está, portanto, na constituição de um espaço público de direito, que deve promover condições de igualdade, liberdade, justiça e diálogo em todas as esferas, garantir estrutura material e financeira para a oferta de educação de qualidade, contribuir para a superação do sistema educacional seletivo e excludente e, ao mesmo tempo, possibilitar a interrelação desse sistema com o modo de produção e distribuição de riquezas, com a organização da sociedade, com a organização política, com a definição de papéis do poder público,

com as teorias de conhecimento, as ciências, as artes e as culturas. (BRASIL, 2010, ps. 42-43).

Do ponto de vista coletivo destacamos a questão da autonomia, da efetiva participação, da inclusão e da descentralização como alguns dos fundamentos da gestão democrática. A construção de uma gestão verdadeiramente democrática no cotidiano dos espaços esportivos exige uma mudança de paradigma. Faz-se necessária a superação da verticalidade das relações, fruto original da hierarquia de poder presente no sistema econômico capitalista e na cultura social de dominação que perdurou historicamente em todos os lugares nos quais se estabeleceram as relações hegemônicas do capital. Um novo paradigma precisa romper com a doutrina administrativa dos espaços de esportes de natureza colonial estruturado sobre a relação *senhor x escravos* ou *senhor x vassalos*, como um senhorio dominador e seus capatazes, e basear-se em um novo modelo de gestão pautado na liberdade, na participação, na descentralização e na autonomia.

Essa escolha requer igualmente uma *concepção de esporte* concebida no eixo da horizontalidade cujos principais preceitos sejam a qualidade de vida, as ações de sustentabilidade e saúde e o exercício efetivo da cidadania. Trata-se de buscar reconhecer a *omnilateralidade* da condição humana e de suas dimensões biopsicossociais. A Psicologia, o Psicodrama e o Sociodrama poderão trazer grandes contribuições a fim de nos ajudar a tornar essa mudança possível. Nessa direção, temos como horizonte a afirmação de MONTAGNER (2011) que assevera:

(...) Nos últimos anos, houve uma grande evolução da Ciência do Esporte, com grandes avanços na preparação física, tática, técnica e psicológica dos atletas e na melhoria das condições para a prática das modalidades em geral. Essa evolução nas diversas áreas, de acordo com Paes (2002), transformou o esporte em um fenômeno sociocultural, cuja principal virtude é a pluralidade de funções e intervenções, e essa diversidade de significados permite sua prática em vários segmentos da sociedade (MONTAGNER, 2011, p. 38).

Temos muita alegria em confirmar quase que plenamente essa paradigmática afirmação de Montagner (2011), salvo com a consideração de uma singular particularidade: não temos a mesma segurança em reconhecer a dinamicidade da formação psicológica dos atletas, como o autor nos faz crer. Entendemos que essa dimensão da prática social, os aspectos psicológicos, ainda não é plenamente compreendida e nem ao menos amplamente encaminhada no universo das práticas esportivas atuais.

Ao buscar desvendar as dinâmicas da vida esportiva e, voltada para seu entendimento, perscrutar quais seriam as possíveis contribuições da Psicologia de Moreno a esta prática social buscamos igualmente definir um eixo de problematização teórica que nos

desse as condições de formular uma pergunta estrutural, capaz de nos motivar a buscar as fontes e os devidos meios de responder ou configurar possíveis encaminhamentos resolutivos e emancipatórios.

Entre as muitas questões que nos impulsionaram e motivaram para pesquisar a presente realidade esteve patente a necessidade de proceder a análise da complexa rede de determinantes e dos pressupostos psicológicos que determinam a ação do gestor desportivo no cenário de sentidos da prática social ou profissional do futebol. Surgiram as seguintes perguntas a orientar nosso propósito investigativo:

- Sabemos que o efetivo funcionamento de uma possível gestão democrática da vida esportiva, de modo a integrar a *humanização* da vida de atletas e de trabalhadores na área do Futebol tem esbarrado em inúmeras práticas autoritárias, instaladas nas relações pessoais, sociais, profissionais e culturais. *Como romper com essas condições e avançar num processo de gestão humanizada de conflitos, de manejo de interesses, de encaminhamento de limites de toda sorte, numa sociedade na qual se vive um processo marcadamente de exclusão social?*
- *Quais são os maiores desafios vivenciados no cotidiano dos espaços esportivos que buscam gerir-se ou serem acompanhados por mediações operacionais de natureza democrática e emancipatória? Que cenários teremos que considerar quando tivermos a intenção de empreender práticas transformadoras na vida esportiva e profissional? Quais são as leituras conservadoras existente, reconhecidamente deterministas e condicionantes, e quais seriam as possíveis superações?*
- *O que dificultaria estruturalmente o planejamento de uma relação horizontalizada no interior dos espaços de gestão esportiva e quais seriam as principais frentes de superação para a efetiva construção de uma cultura humanista e humanizadora, que viesse a descortinar a superação de todas as práticas que inviabilizam a participação de todos os envolvidos nessa ação e na direção dessa prática social?*
- *Como a Psicologia, notadamente a partir das abordagens de MORENO (1978) poderia ajudar a resolver os conflitos de natureza social, ambiental e psíquica, presentes na conjuntura das vivências dos atletas, quase sempre confinados, ou até mesmo expostos por demais, na relação esportiva tipologicamente dominante?*

Com tais perguntas, exigentes e amplas, e confiantes nesse processo de *problematização crítica*, empreendemos nosso percurso investigativo, buscando sempre, do particular para o geral, encontrar nas fontes historicamente definidas e cumulativamente disponíveis, as melhores respostas e as mais plausíveis superações para essa realidade dada e vivida. A partir da configuração do que entendemos por Educação, desde sua constituição histórica até sua configuração institucional na Escola Moderna, analisando ainda a emergência e a diversidade da Psicologia enquanto uma rica construção da cultura e da prática social humana, logramos apresentar ao campo do esporte, mais especificamente do Futebol, essa inovadora prática e suas insondáveis possibilidades de criação e de reparação humana.

1.2 A Psicologia de Jacob Levy Moreno e Futebol.

Buscamos nos constituir como pesquisadores a partir dos fundamentos teóricos e das dimensões práticas da obra de MORENO como já afirmamos anteriormente e, a partir da leitura dessa apropriação para o campo dos Esportes, notadamente do Futebol, tivemos a intenção de lograr articular as suas proposições para a resolução e para o encaminhamento dos conflitos nascidos na dinâmica da vida esportiva, atuando com atletas e ainda ministrando a formação no processo de educação esportiva nas escolas de educação básica e no ensino superior. No transcorrer da formação efetivada em nossa trajetória desse Mestrado em Educação, que ora finalizamos, buscamos definir esses campos, seu movimento intencional e seu percurso da apropriação conceitual, para a atuação efetivamente didática e prática no mundo da gestão esportiva.

A construção de uma dinâmica de *distensionamento*, a ser conquistada pela Psicologia de base Morenista, na leitura interpretativa e no encaminhamento terapêutico de práticas esportivas e sociais, culturais e educativas, apenas redireciona o foco da gestão, anteriormente centrado numa forma de ação autocrática e paternalista para outra forma de ação democrática, balizada por valores éticos de inclusão social e de novos saberes, a ser determinada por processos de análise e de decisões descentralizadas e dialógicas. A disposição de compreender a potencial contribuição da Psicologia de Moreno, de modo a completar a possibilidade formativa de definir uma consciência corporal, através do Psicodrama e do Sociodrama, poderia ser um início reflexivo e cultural importante.

O atleta é o profissional do corpo. Mas o corpo, no sentido que trata Foucault (1987) não é somente um corpo físico, biológico, senão um corpo permeado por significações e por construções desenvolvidas por processos educativos de uma realidade culturalmente determinada na qual o sujeito se situa e se reconhece. Assim, como afirma Bolsoni (2012):

(...) Nessa perspectiva o corpo não pode ser entendido como somente biológico, mas é fruto das relações vivenciadas pelo sujeito e de processos educativos que possam propiciar a formação de uma corporeidade significativa, através de relações de si para consigo e nas relações socializadas entre sujeitos, assim buscar suas virtudes e cultivá-las, na formação e valorização de personalidades autênticas com consciência e educação com seu próprio corpo (BOLSONI, 2012, p. 15).

Estudar o pensamento de MORENO para encontrar ali uma inspiração, mais que uma verdade pronta ou acabada, tantas vezes rejeitada pelo próprio autor, é buscar o exercício da ciência a serviço da vida e da felicidade. Sua indicação pode ser de propor uma autonomia dos sujeitos, em processo de contínua reinvenção de si, em processos de trocas pessoais e coletivas. Seu pensamento refuta o determinismo e a proclamação de uma liberdade idealista. Trata-se de um projeto radical e histórico de afirmação da *consciência de si*, de um construtivismo ético e educacional, singular e coletivo. Ao buscar decifrar as novas relações de formação, no âmbito da vivência esportiva, estaremos indagando sobre as relações de poder que permeiam a prática social, de toda sorte e grau.

A racionalidade do poder encontra-se expressa nas suas táticas, dessa forma podemos esperar reconhecer as táticas de uma nova produção de sentido, no qual a Psicologia e a Educação possam ter papel proeminente e definidor, a partir da proposição de novas formas de pensar a vida, muitas vezes em universos simples e comuns. Quando o sujeito ético e a dinâmica estética põem-se a buscar o esperado *cuidado de si* abre-se um novo e promissor espaço para a soberania da vida e se qualifica a originalidade de toda escolha, o que torna a construção de si um apelo, um projeto, que supera toda transcendência idealista e toda imanência determinista. Inspiramos em REIS (2006) quando define que:

(...) À luz desse entendimento parece claro e perfeitamente lógico que a relação vertical de dominação, própria do intercâmbio entre o homem e as coisas, não poderia jamais se estender em sentido horizontal nas relações entre os homens. Com efeito, se a relação vertical do homem com as coisas é regida pela dominação, a relação horizontal dos homens entre si deverá ser pautada pela colaboração (REIS, 2016, p. 12).

Esta tem sido a fundamentação histórica e política que buscamos articular na presente pesquisa, integrando as obras de MORENO, J. L com as demais dimensões que envolvem o entendimento e o manejo dos recursos e das teorias da Psicologia e Educação, notadamente do Sociodrama e do Psicodrama, na prática diária da gestão desportiva e da gestão formativa dos atletas, tanto em seu processo de formação, quanto ainda as práticas relacionadas com a atuação de professores, no trato com as finalidades e com a definição dos objetivos das escolas do ensino fundamental e médio.

Identificamos alguns sujeitos e algumas situações de investigação, para dar conta de nossa pesquisa, estabelecemos algumas coordenadas reflexivas e interpretativas que apresentaremos, agora em caráter finalista, nesse relatório final de pesquisa para a obtenção do grau de Mestre em Educação na área de Psicologia e Educação.

Começaremos pela recuperação da trajetória pessoal e profissional de nosso interlocutor central, MORENO. Jacob Levy Moreno nasceu na Romênia em 1889, viveu grande parte de sua infância em Viena, na Áustria, e morreu nos Estados Unidos em 1974, depois de ter solicitado a cidadania norte-americana. Estudou Medicina na Universidade de Viena formando-se em 1917. Sua família era de origem *judia-romena* e como tal foi responsável por grande parte de seus fundamentos conceituais e de suas categorias interpretativas sobre o mundo e sobre a vida. Teve na visão de mundo judaico-cristã um dos pilares de sua própria concepção de mundo e de vida.

A Viena de Moreno vivera o esplendor artístico que marcara a efervescência cultural dos centros urbanos nos tempos que antecederam a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em função de suas opções no campo da Medicina e por influências da própria cultura vienense, Moreno interessou-se por Teatro e por Arte Expressionista ao fim da década de 1910 assumindo essas novas formas de agir sobre o mundo na totalidade de seu trabalho nas décadas seguintes. Foi o editor de uma importante revista de Arte denominada DAIMON nos anos 1920. A partir desse núcleo mantinha relações próximas com muitos artistas e intelectuais de sua época, tais como Alfred ADLER, Theodor REIK, Paul SCHILDER e Helene DEUTSCH, entre outros. A prática da Medicina e o manejo e a diversidade das Artes agregar-se-iam a seu universo familiar religioso e metanarrativo.

Logo após sua formação como Médico passou a atuar num campo de refugiados na periferia de Viena, na cidade de Kottlingbrunn, na qual permaneceria entre 1919 e 1925, mais tarde assumindo a chefia do Posto de Saúde Pública na cidade de Bad Voslau, igualmente nas proximidades de Viena. Sua atuação profissional inicial sempre esteve vinculada a grupos socialmente marginalizados, nas categorias de reconhecimento social de sua época. A sua opção preferencial de atuação profissional junto aos grupos excluídos ou marginalizados seria outra referência para sua construção como intelectual, como autor e como cidadão.

Muitas informações atualmente disponíveis sobre Moreno nasceram de suas próprias lembranças e de sua notável autobiografia escrita em 1966. Muitas dessas fontes retratam não somente a ordem dos fatos, tal como se deram ou aconteceram, mas muitas vezes expressam o que o autor chamava de “verdade psicodramática”, que consiste numa concepção

de acontecimento e de verdade a partir da livre-associação dos sujeitos, independente de temporalidades rígidas.

Moreno veio a criar, em 1921, o que ele denominou como Teatro da Espontaneidade, no hospital de refugiados, no qual orientava os sujeitos a ocupar uma representação espacial reconhecida como Teatro ou uma espécie de arena teatral em uma peça teatral imaginária ou sugestiva na qual cada um poderia expressar-se de maneira improvisada, aleatória e livre, sem roteiros ou textos referenciais de roteiro, como de praxe. Era uma técnica de conduzir a emergência criativa livre-associativa e livre-expressiva dos pacientes. Criou pouco tempo depois o Jornal Vivo, uma representação diária feita por artistas locais destacando as notícias comuns do dia-a-dia, causando afinidades e acompanhamentos afetivos nos pacientes.

Na sequência de seus trabalhos, sempre acompanhados de registros escritos e de criteriosa autocrítica, criou o Teatro Terapêutico, uma nova forma de empreender a representação teatral, agora vinculada à expressão e originalidade da vida dos seus sujeitos-pacientes, quase sempre retratando suas histórias de vida, seus questionamentos e suas aspirações. Com o recurso das técnicas teatrais as personagens reais sentiam-se protegidas na representação das tramas atribuídas a outras personagens e envoltas em enredos que supostamente eram da esfera de agentes estranhos preservando a privacidade singular e projetando na alteridade os conflitos vividos na dramatização de si.

Anos mais tarde mudou o nome dessa técnica de terapia de grupo para *Psicodrama Terapêutico*. Em sua crescente investigação teórica e efervescente criação procedimental Moreno ampliaria o conceito de Psicodrama para *Sociodrama Terapêutico* e, no ano seguinte, inauguraria a primeira sessão psicodramática/sociodramática em Viena, no dia Primeiro de Abril de 1921. Tratava-se da criação de um novo conceito de representação terapêutica ou de tratamento catártico das questões psíquicas e dos conflitos psicológicos de diferentes naturezas e origens.

Com o avanço de Hitler e do nazi-fascismo na Alemanha, com seu perverso antissemitismo, Moreno obriga-se a migrar para os Estados Unidos da América, no ano de 1925, país no qual permaneceria até sua morte em 1974. Em Nova York (New York) declara sentir-se *cidadão do mundo*, como enfatizaria em várias passagens de sua Autobiografia. Foi professor em renomados institutos de pesquisas e na Universidade de Columbia. Filiado à *American Psychiatric Association* o já consagrado Dr. Moreno introduziria no ano de 1932 a técnica inovadora da Psicoterapia de Grupo, até hoje uma das mais destacadas formas de tratamento terapêutico-coletivo e catártico-social.

Casou-se por três vezes e teve com a segunda esposa uma filha e do terceiro casamento um filho, Jhonatan Moreno, nascido em 1949. Sua terceira esposa Zerka Toeman foi particularmente responsável pela divulgação de sua obra pelo mundo inteiro, tanto pela sistematização e pela publicação de muitos de seus estudos e experiências quanto pela difusão do Psicodrama pelos circuitos sociológicos e científicos universais.

Moreno, a partir dos anos 1940, desenvolveu um criterioso estudo para formular sua Teoria das Relações Interpessoais e acabou por referendar a significação de conceitos e de inovadoras técnicas para as Ciências Sociais conhecidas de diversas maneiras como Sociodrama, Sociometria, Sociatria, Psicodrama e outros. Na cidadezinha de Beacon, nos arredores de New York, criou o Sanatório de Beacon Hill, que se transformou por décadas no maior centro de estudos e de técnicas de prática psicodramática. Buscaremos adiante apresentar algumas definições e outras tantas categorias e práticas que estão elencadas na concepção do que seja o Psicodrama e a Ação Psicodramática.

a) O **Psicodrama** - Trata-se de uma *técnica* e de uma *forma de tratamento psicoterápico* baseada na *dramatização*, tomando como expressão do envolvimento catártico a interação, a ação, o corpo e a fala. Envolve a Psicologia e seus recursos, o teatro e suas ferramentas, a Sociologia e suas bases teóricas e o protagonismo dos sujeitos e suas vivências em grupo. A base de fundamentação do Psicodrama pode ser encontrada nos conceitos filosóficos de *espontaneidade, de encontro, de criatividade*, das definições de *aqui e agora (hic et nunc), tragédia e comédia*. Toma como base material os conceitos operacionais de *momento, papéis sociais, teoria das representações, conserva cultural*, entre outros. Trata-se de uma técnica ou de uma intervenção terapêutica que não reduz o tratamento psicoterapêutico a uma dimensão da fala, tal como expressa a Psicanálise.

b) **As fases do Psicodrama** - a primeira fase da atividade psicodramática define-se como Aquecimento, tempo no qual os participantes escolhem um determinado tema e, pela interação, acabam por reconhecer um protagonista grupal; a segunda fase define-se pela Dramatização ou pela cena dramática. Nesta fase afloram os egos-auxiliares, que serão encarregados de assumir a representação das personagens envolvidas, contracenando com o Protagonista e demais personagens concorrentes, símbolos, reais ou de fantasia, emergentes na encenação improvisada e livre. O terceiro momento define-se pelo Compartilhamento, no qual retorna ao centro o protagonista e todos os envolvidos partilham de diferentes formas a significação e vivências, as ressonâncias e sentidos (sentimentos) na relação grupal.

c) **As Técnicas Psicodramáticas** - Moreno estruturou diversas etapas de suas técnicas psicodramáticas na sua Teoria do Desenvolvimento dos Papéis. A Primeira Etapa

corresponde à técnica do DUPLO, na qual não há uma diferenciação do Eu e do Tu. A Segunda etapa define-se pela técnica do ESPELHO, o reconhecimento do Eu e a Terceira etapa, o reconhecimento do TU ou propriamente da INVERSÃO de papéis. Na dialeticidade dessas técnicas haveria de acontecer maior intimidade grupal e o resultado sensível seria o ENCONTRO.

d) **Componentes do Psicodrama** - Tendo em vista sempre a dinâmica da representação teatral MORENO definiu o sentido e o enredo ou envolvimento da cena psicodramática na seguinte ordem; 1) o *Cenário*, fatos simples da vida, sonhos, temas, delírios, medos, alucinações, fantasias; 2) o *Protagonista*, um sujeito-central, um indivíduo, uma dupla de atores/agentes, é o que representa o núcleo do psicodrama. Trata-se de uma representação híbrida, ele representa a si mesmo e a seus interlocutores, mas todos fazem parte de si mesmo. A expressividade corporal e oral se integra organicamente no Protagonista; 3) o *Diretor*; trata-se da função atribuída ao Psicoterapeuta do grupo, que assume a direção psicodramática. Essa função é de dinamizar a cena e envolver os diversos agentes em sua expressividade; 4) os *Egos-auxiliares* – são os agentes de contracenação com o Protagonista, podem ser atores, agentes do público, aleatórios e improvisados convidados a dar dinamicidade ao Psicodrama temático; 5) o *Público ou Plateia* – são os demais participantes do grupo que participam na cena psicodramática ajudando a desenvolver sua trama e direcionamento.

e) **Fundamentação Teórica do Psicodrama** - A base conceitual do Psicodrama reside nos conceitos de *Espontaneidade e Criatividade*. Para Moreno a espontaneidade é a única e verdadeira expressão da vida e do vínculo entre o sujeito e o mundo. As representações que não assumem a espontaneidade são repressivas e opacas de sentido limitando-se a reproduzir as estruturas sociais e culturais dominadoras. Estrutura-se ainda sobre a *Teoria de Papéis* e a dinâmica da *Psicoterapia Grupal*. Alguns conceitos circunstanciais são definidos como complementares, como o conceito de *Tele* (sentido de compreensão objetiva dos acontecimentos entre as pessoas), *Empatia* (tendência na direção de sentir o que o outro sentiria se estivesse na real situação do Outro), *Coinconsciente* (vivências inconscientes compartilhadas e comuns entre duas ou mais pessoas, sensações e projeções comuns sem consciência) e *Matriz de Identidade* (marca de uma referência a partir do lugar de nascimento).

A riqueza do Psicodrama para o campo da Psicologia reside na mudança radical do sujeito e na transformação estrutural da dimensão terapêutica. Até então a Psicologia, nascida das práticas médicas, parecia estar vinculada somente a essa dimensão, com um

acento altamente curativo e individual. O pesquisador e professor Arantes (1993) assim expressa essa originalidade: *O Psicodrama, sem abandonar as técnicas verbais, acrescentou as técnicas de ação e, sem desrespeitar as individualidades, faz atendimento individual, de casal, de família, enfatizando uma preparação para o trabalho em grupo* (ARANTES Valério, 1993, p. 11).

Não se trata somente de uma comparação que expresse uma estreita dimensão quantitativa, mas sim de uma mudança radical de *concepção* da própria dinâmica da ciência da Psicologia, uma ampliação de objeto, uma extensão epistemológica e política irreversível.

Nas afirmações de Marineau (1992), sobre a obra e a atuação de Moreno destaca-se a atenção que este autor dá à sua formação religiosa. Para este autor Moreno era um homem profundamente religioso e socialmente comprometido, pois tivera como formação as práticas semitas denominadas de Hassidismo, seguidas pelas lições do Existencialismo Cristão e do Humanismo vigente em sua época. São filosofias e princípios que inferem sempre o despertar da significação da alteridade, superando o enfoque estreito no indivíduo. Os autores frequentemente citados por Moreno em seus amplos e criteriosos trabalhos são Sócrates (469-399 a.C), Dante Alighieri (1265-1321), Soren Kierkegaard (1813-1855), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Henri Bergson (1859-1941), Sigmund Freud (1856-1939), além de muitos outros tantos interlocutores de seu trabalho como editor da *Daimon*, uma revista de Artes, como já destacamos, a saber: Martin Buber (1878-1965), Max Scheller (1874-1928), Jakob Wasserman (1873-1934) e Franz Kafka (1883-1924). Moreno fez parte e conviveu com uma das mais ricas, produtivas e criativas gerações do século XX.

A originalidade e a riqueza, conceitual e metodológica, da teoria e da prática do Psicodrama são incomensuráveis. Não temos condições de dar conta dessa totalidade nesse instrumento de Qualificação. Mas, no transcorrer da pesquisa pudemos nos apropriar com segurança de muitas e variadas mediações e ferramentas morenianas.

Um destaque para sua centralidade na “teoria dos papéis”, muito a gosto da Sociologia do seu tempo. O *papel* pode ser definido como a representação social de uma função ou identidade nas relações culturais e políticas de uma época e grupo. Dessa forma, a acentuação na identidade social desses papéis confere ao pensamento e à metodologia de Moreno um lugar de destaque e de paradigma. Sempre se referindo ao universo da dinâmica teatral assim afirma Moreno (1993):

O papel também pode ser definido como uma parte ou um caráter assumido por um ator, uma pessoa imaginária como Hamlet animada por um ator para a realidade. O papel ainda pode ser definido como uma personagem ou função assumida na

realidade social, por exemplo, um policial, um juiz, um médico, um deputado (MORENO, 1993, p. 206).

No debate que se abre sobre a paternidade desse conceito, na Antropologia Social e na Sociologia daquela década Moreno atua com especial vigor, assumindo sua proeminência e criação, ao afirmar peremptoriamente:

É um “mito” que o sociólogo norte-americano G. H. Mead tenha exercido uma influência marcante sobre a formulação do conceito psiquiátrico de “papel” e de sua psicopatologia. A formulação e o desenvolvimento desse conceito e das técnicas de desempenho de papéis são de exclusivo domínio dos especialistas em psicodrama (MORENO, J. L. 1993, p. 24).

Com a assumpção dessa paternidade conceitual Moreno amplia ainda mais o seu discurso de apologia e de afirmação epistemológica e prática:

O que nós, os especialistas em psicodrama, fizemos, foi (a) observar o processo do papel no próprio contexto da vida; (b) estudá-lo em condições experimentais; (c) empregá-lo como método psicoterapêutico (terapia da situação e do comportamento); e (d) examinar e treinar o comportamento no “aqui e agora” (adestramento de papel, adestramento da conduta e espontaneidade) (MORENO, J. L. 1993, p. 25).

A concepção de *espontaneidade* é uma categoria essencial na obra de Moreno. Significa agir de maneira nova diante de determinada situação, sem o peso da repetição ou da imposição. A etimologia de espontaneidade deriva do latim *sponte* que tem o sentido de “vontade aberta, livre vontade”, tal como destaca Moreno. Ele afirma que a espontaneidade e a criatividade são categorias ontológicas humanas. Aprendemos com Célia Nunes (2012) que:

(...) A oportunidade em vivenciar e resgatar a unidade, mesmo que “provisória”, entre pensamento e emoção, se sentir reconhecido como um sujeito que atua e interfere na sociedade e, que, portanto, é por ela também influenciado, pode se revelar como o ponto “alto” dos encontros psicodramáticos. Ao participar de experiências com pessoas que desempenhem atividades diferenciadas, podemos perceber também diferentes níveis de resistências, de espontaneidade e de dificuldades de rever papéis cristalizados (NUNES, Célia Maria, 2012. p. 22).

Não se trata somente de uma categoria que expresse a intencionalidade moral ou política. É muito maior do que essa indicação. Para Moreno (1993) a espontaneidade abrange todas as dimensões do agir humano. Significa que cada existência deve seguir sua própria identidade e realizar seu significado no mundo. Do contrário, a ação humana insere-se somente no universo conservador e rígido, incapaz de dar sentido para a existência autêntica. Nosso mestre afirma que:

A espontaneidade e a sua liberação atua em todos os planos das relações humanas quer seja comer, passear, dormir, ter relações sexuais, ou relacionar-se socialmente; manifesta-se na criação artística, na vida religiosa e no asceticismo [...] atua tal como o processo de respiração, inalando a *psique* e exalando espontaneidade [...]

não é energia conservada, é uma disposição a responder tal como é requerido [...] responde ao impulso, servindo de mediadora da ação espontânea e criativa, produzindo as conservas culturais (MORENO, 1993, p. 37).

Não se pode conceber a ação espontânea como um mero improviso ou um ato arbitrário e anárquico. Ser espontâneo significa agir como ser humano criativo, com densidade e orientação para ávida. Ainda é Célia Nunes (2012) que nos faz pensar quando afirma:

Para Moreno (1993) a espontaneidade é uma função inata e cultural, positiva e criadora, construtiva e adaptável, por isso está ligada a todos os aspectos do desenvolvimento orgânico, mental, psicológico, social e espiritual do ser humano. A libertação movida pela inquietude seria condição “*sine qua non*” para o ser e o estar. Todavia, Moreno não trabalhava com as noções de pulsão de vida e de morte. Destruição ocorre quando não se usa o potencial criador. Segundo Moreno (1993, p.55) mesmo em situações asilares, de alienação mental, como certos casos de esquizofrenia, ainda é possível reconhecer a potencialidade da criação e da arte (NUNES, 2012, p. 31).

Moreno destaca, na teoria psicodramática, as bases de sentido do que ele entenderia e propunha ao referir-se ao conceito de Catarse. Em seus estudos ele afirma constantemente o neologismo Catarse de Integração. Para Moreno essa ação seria a canalização de todos os sentimentos, afetos e emoções, sejam aquela de base *télica* ou *transfereencial*, numa determinada interrelação psicodramática. Significa dizer que há, pela fala e pela ação, pelos corpos em integração no processo de dramatização, um estado de elevação, que se manifesta nesse conceito de catarse, retomando o processo teatral grego e seus fundamentos esotéricos e culturais mais lídimos. O estudioso do Psicodrama Fox (2002) assim define essa interrelação catártica e terapêutica:

Historicamente, houve duas vias que conduziram à visão psicodramática da catarse. Uma delas vai do teatro grego ao teatro convencional de hoje, e com isso a aceitação do conceito aristotélico de catarse. A outra começa nas religiões orientais [...]. Essas religiões afirmam que um santo, para transformar-se num salvador [...] tem primeiro de salvar a si mesmo, [...] no caso grego, o processo de catarse mental como algo localizado no espectador, uma catarse passiva. No caso religioso, o processo de catarse foi localizado no próprio indivíduo, uma catarse ativa (FOX, 2002, p. 95).

Dessa forma, a partir desses conceitos morenianos entendemos que a técnica da dramatização não é algo somente mediador ou artificial, é a própria dinâmica da interação e da cura. Nessa relação o sujeito é capaz de reconhecer-se e de se autoconhecer. Pelo resgate que empreende de sua espontaneidade perdida esse sujeito retoma a criatividade de interagir com os demais, numa realização de seus desejos, sentimentos e emoções. Embora reconheça seus conflitos, até então escondidos ou não explicitados, nessa ação, o sujeito acaba por criar as mediações para tornar lúcidas ou transparentes as suas contradições, até então somente

presentes nesse universo ou esfera inconsciente ou coinconsciente. Encontramos no mesmo Moreno (1993) essa explicitação:

O problema não consiste em abandonar o mundo da fantasia em favor do mundo da realidade ou vice-versa, o que é praticamente impossível; trata-se, todavia, de estabelecer meios que permitam ao indivíduo ganhar completo domínio da situação, vivendo em ambos os caminhos, mas capaz de transferir-se de um a outro (MORENO, J. L., 1993, p. 78).

Assim, *espontaneidade* e *catarse* seriam dois processos simbióticos e imbricados na relação dramatizadora e *psicodramatista*. Aparecem e se constituem como duas etapas da mesma tarefa de autoconhecimento e de liberdade, de consciência de si e de sua interrelação com o outro. Moreno acaba por efetivar uma nova base de relacionamento do sujeito consigo mesmo e desse mesmo sujeito com seu mundo, seus pares e seu entorno. A pesquisadora NUNES, Célia (2012) assim expressa seu reconhecimento por esta nova forma de entabular a criatividade, a sensibilidade e a espontaneidade a partir de Moreno:

(...) Dessa forma, Jacob Levy Moreno inaugura com sua obra a ideia do ser humano espontâneo e criador. Ler seus escritos, conhecer sua vida, sua espontaneidade e seu potencial criativo, significará nesta perspectiva, o entendimento do ser como aquele sujeito voltado ao contínuo processo de criação. Ou pelo menos abrir a possibilidade da escolha, e por que não, da criatividade como escolha? Este seria o princípio da “revolução criadora” proposta por Moreno, no qual ele afirma: “Deus é espontaneidade. Daí o mandamento: Sê espontâneo!” (NUNES, Célia Maria. 2012, p. 23)

Entendemos que há muito ainda a aprender com as categorias, mediações e a rica teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno. Nosso esforço, na presente pesquisa, deu-se no sentido de analisar e de contextualizar a obra e a metodologia de psicoterapia grupal de Moreno para buscar articular sua potencialidade no campo esportivo. Os livros de MORENO, J. L que logramos estudar e analisar para buscar interpretar a dinâmica da vida dos sujeitos e dos grupos esportivos foram os seguintes:

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. Editora Cultrix, São Paulo, 1975.

_____. **Fundamentos do Psicodrama**. Summus Editorial, São Paulo, 1983.

_____. **Teatro da Espontaneidade**. Summus Editorial, São Paulo, 1984.

_____. **Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama**. Dimensão Editora, Goiânia, 1993.

_____. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. Editora Livro Plena, Campinas, 1999.

Estas obras e suas ricas e originais categorias de análise, de teorização e de mediação prática para o reconhecimento do pensamento moreniano estavam elencadas em nosso Projeto de Pesquisa e foram fundamentais para a interpretação que apresentamos nesse Relatório, agora em sua versão finalista. De acordo com as orientações regulares pudemos realizar um curso intensivo de leituras e apropriações teóricas e metodológicas sobre Psicodrama, na disciplina ED 524 A, realizada em 2018, da qual extraímos fundamentais categorias para continuar nossa interpretação.

Ali apontamos que os textos estudados na disciplina nos ajudaram a compreender melhor o Psicodrama e sua aplicação no processo de *aprendizagem* de crianças e jovens a partir da utilização da *memória*, do *jogo* e principalmente, da *dramatização*. Embora diversos entre si, pois tratavam de temas e de assuntos singulares, alguns fazendo parte de trabalhos completos (livros e artigos) os textos foram sendo apropriados e integrados pela leitura e pela compreensão de conjunto que acabaram por nos proporcionar.

No capítulo 10 do texto **Introdução ao Psicodrama** (de BERMUDEZ, J.G. R. Editora Mestre Jou, São Paulo, 1998, p. 111-119) pudemos observar a importância do ato de contar histórias nessa relação do professor com o aluno, o texto deixou claro que algumas das sensações que são despertadas nos “pequenos” quando há uma relação de *afetividade* entre os envolvidos (criança e adulto), torna esse momento prazeroso e produtivo para aprendizagem de novas condutas e o desenvolvimento de laços afetivos e de novos valores. A forma como as histórias são contadas, desde os sons e os gestos variados que são executados até as pausas, as associações verbais e lógicas, bem como a ênfase realizada, possibilitam um estímulo global por parte da criança que está atenta e ansiosa em nossa frente, concluindo que: “*uma vez alcançada a reprodução final da imagem do conto, decai a atenção da criança para jogá-lo, dando lugar a um novo interesse: a Dramatização*” (BERMUDEZ, J.G.R, op. cit. p. 117).

O segundo texto que pudemos ler (**O papel das Emoções e Sentimentos na Construção do Raciocínio**, de ARANTES, Valério e NUNES, Roseli, apresentado no XXVI Encontro Nacional de Professores do PROEPRE, Águas de Lindóia, 2013) encontramos uma importante definição dessa matricial relação de sentimentos e emoções com a Educação. Os autores retornam a BERMUDEZ, J.G.R e destacam que o mesmo autor defende que possuímos um corpo fragmentado em três áreas: Corpo, Ambiente e Mente, e reafirma a relevância de atuarmos com as crianças de uma maneira global, como um todo, centralizando a ação no ambiente, assim como dispomos e organizamos os pensamentos na mente e os sentimentos no corpo. Nessa linha afirmam que:

Ao respeitar o educando como um ser que pensa, sente e age, proporcionando dentro da metodologia educacional estratégias que facilitem o desenvolvimento desses três aspectos, sem esquecer a questão da espiritualidade, estaremos cumprindo nosso objetivo como educadores: FORMANDO E INFORMANDO nossos alunos (ARANTES, Valério e NUNES, Roseli, p. 11).

São destaques que nos impressionam e ajudam a compreender a totalidade dessa relação humana que precede a relação pedagógica.

Na introdução do texto **O Jogo e a Criança** (de autoria de CHATEAU, Jean, **O Jogo e a Criança**, Editora Summus, São Paulo, 1987, p. 11- 33) pudemos verificar que, assim como a dramatização, o *jogo* é outra ferramenta importante para o desenvolvimento da criança. Para essa consideração parte-se do pressuposto que: “ (...) *uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar*” (CHATEAU, Jean. op. cit. p. 14). Compreendemos, nesse texto, que a partir das dinâmicas de um jogo, envolvente e participativo, a criança pode se desenvolver tanto na questão social, quanto psicológica e psíquica. As funções latentes do jogo podem, num de seus aspectos, ser evasão e compensação de algo que lhe faltou em determinado momento da vida. O próprio adulto às vezes deposita no jogo suas frustrações e seus problemas de natureza pessoal e profissional. O autor destaca que: (...) *O mundo do jogo é, então, uma antecipação do mundo das ocupações sérias*” (CHATEAU, Jean, p. 22) ou então, geralmente: “(...) *Pode-se conceber o jogo, portanto, como um artifício que conduz finalmente à vida séria, como um projeto de vida séria que esboça, por antecipação, essa vida*” (CHATEAU, Jean, p. 23). Na análise geral do texto aprendemos que a criança procura no jogo afirmar sua existência, sua personalidade e suas escolhas. O prazer de jogar não está apenas na prática física (sensorial), mas sim no prazer moral e na gratificação que emerge da convivência social. O autor afirma que: “(...) *Jogando, a criança se releva inteiramente, em toda sua espontaneidade. Jogando, ela não sabe esconder nada dos sentimentos que a animam*” (CHATEAU, Jean, p. 30).

Nesse mesma perspectiva de desenvolvimento social, no segundo capítulo do livro **Teatro da Vida** (de SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin, Editora Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1989), denominado **Introdução ao Psicodrama e à Espontaneidade** (p 33-49), pudemos fundamentar melhor os conceitos e os princípios do Psicodrama. Pudemos constatar que esta original mediação terapêutica surgiu como uma forma de tratamento psicoterápico baseada na dramatização, tomando como expressão do envolvimento catártico a interação, a ação, o corpo e a fala. O Psicodrama envolve a Psicologia e seus recursos, o teatro e suas ferramentas, a Sociologia e suas bases teóricas e o protagonismo dos sujeitos e de suas vivências em grupo. A base de fundamentação do Psicodrama pode ser encontrada nos

conceitos filosóficos de *espontaneidade*, de *encontro*, de *criatividade*, das definições de *aqui e agora* (*hic et nunc*), *tragédia* e *comédia*. O autor afirma que o Psicodrama toma como base material os conceitos operacionais de *momento*, dos *papeis sociais*, da *teoria das representações*, de *conserva cultural*, entre outros. Trata-se de uma técnica ou de uma intervenção terapêutica que não reduz o tratamento psicoterapêutico a uma dimensão da fala, tal como expressa a Psicanálise, desde sua matriz e suas origens. O Psicodrama provém do grego *psiqué* (alma) e da palavra *drama* (ação, realização) e, segundo Moreno, é a *ciência que explora a verdade dos seres humanos ou a realidade das situações por métodos dramáticos*. No texto encontramos uma afirmação paradigmática, como “(...) *O psicodrama seria, então, o teatro do homem liberado, fora de si, fora de seus eixos, no meio do auditório de pessoas também fora de si, participando juntas do fato de que uma delas sai de si para reviver sua vida e reencontrá-la no palco*” (SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin, op. cit. p. 35). E mais, continua a autora a refletir que: “(...) *Em Psicodrama, ser espontâneo, significa fazer a coisa oportuna no momento em que deve ser feita. É fornecer “a boa resposta” a uma situação geralmente nova e, por isso mesmo, difícil*” (SCHUTZENBERGER, Anne Ancelin, idem, p. 44). Foram conceitos e categorias fundamentais para nossa compreensão e apropriação dessas premissas.

No primeiro capítulo do texto **Jogo, Teatro e Pensamento** o autor (COURTNEY, R. Editora Perspectiva, São Paulo, 1998, p. 03-18, denominado *O Teatro e a História do Pensamento Educacional*) afirma que: “(...) *a característica essencial do homem é sua imaginação criativa. É esta que o capacita a dominar seu meio de modo tal que ele supera as limitações de seu cérebro, de seu corpo e do universo material. É este “algo a mais” que distingue dos primatas superiores*” (COURTNEY, R. op. cit. p. 03). Esta afirmação define a ontologia humana, isto é, a característica que define a essência da condição do ser humano. Para nosso estudo isso foi fundamental nesse momento. E continua nos ajudar a esclarecer essas bases ao afirmar que: “(...) *Tanto em nossa educação quanto em nosso lazer precisamos cultivar o “homem total” e nos concentrarmos nas habilidades criativas do ser humano*” (COURTNEY, R. idem. p. 04).

Por fim, consideramos que nós, os professores e os educadores da era digital, devemos repensar o processo educacional de uma maneira global e definitiva. Precisamos nos apropriar das novas tecnologias e usá-las para ampliar os referenciais de mundo dos nossos alunos, pois: “*a derrubada dos muros da escola poderá integrar a educação ao espaço vivificante do mundo e ajudará o aluno a construir sua própria visão do universo*” (DEBESSE, Maurice, in CHATEAU, Jean. op. cit. p. 11).

Vale ressaltar que há muito ainda a aprender com as categorias, as mediações e a rica teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno. Nosso esforço, na presente disciplina, deu-se no sentido de analisar e de contextualizar a obra e a metodologia de psicoterapia grupal de Moreno para buscar articular sua potencialidade no processo educacional e, conseqüentemente, no campo esportivo, área na qual estamos desenvolvendo esta dissertação final de nossa pesquisa de Mestrado em Psicologia e Educação.

Buscaremos avançar mais criteriosamente na comparação entre as categorias e conceitos de Levy Moreno para elucidar as práticas e vivências desportivas do mundo do Futebol, nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO II - OS RECURSOS DO PSICODRAMA NO CAMPO ESPORTIVO: dimensões teóricas e potencialidades práticas.

No capítulo anterior buscamos apresentar os fundamentos teóricos e as categorias centrais de nossa proposta investigativa. Destacamos ali a originalidade da Psicologia, aqui tomada no campo da Educação, e buscamos desenvolver as razões de nossa escolha metodológica pelo trabalho e pelas mediações sociodramáticas de Jacob Levy Moreno. No capítulo que ora iniciamos buscaremos apresentar as efetivas mediações e recursos da teoria e prática de Moreno e lograr interpretá-las diante de situações reais da dinâmica da vida esportiva.

Acabamos por buscar constituir nossa investigação como uma pesquisa de cunho *bibliográfico-histórico*, dentro de uma perspectiva *qualitativa* de investigação, a partir dos conceitos e categorias da obra de MORENO e suas originais criações para a Psicologia e a Educação. As pesquisas qualitativas que se solidificam na visão de mundo *dialética* se fundamentam na lógica interna do processo científico e nos métodos que explicitam a dinâmica e as contradições internas dos fenômenos sociais e psíquicos, bem como evidenciam as relações entre homem-natureza, entre reflexão-ação e entre teoria-prática (razão transformadora), integrando elementos gnosiológicos, lógicos, psicológicos e ontológicos. Nessa direção, a pesquisa de natureza dialética, no campo da Psicologia e Educação, entende que a dialética situa-se, no plano da realidade, no plano histórico: “*sob a forma da trama de relações contraditórias, conflitantes, de leis de construção, desenvolvimento e transformação dos fatos, sob as categorias de totalidade, contradição, mediação, de ideologia e de práxis*” (FRIGOTTO, in FAZENDA, 1994, p. 76).

Nessa perspectiva, a relação sujeito-objeto se faz num processo de implicação do sujeito no objeto e deste naquele, o que significa que os objetos se constituem na práxis do pesquisador e, ao serem assim constituídos, influenciam a práxis do sujeito que investiga. O saber científico é marcado pela história, pela prática social e pela existência social do sujeito, que é sempre diversa e contraditória. Esta forma de investigação admite a interrelação *quantidade-qualidade*, dentro de uma visão dinâmica dos fenômenos, pois se considera que a investigação de cunho bibliográfico-histórico configura-se como uma das estratégias cumulativas de reconhecimento de determinado fenômeno ou dado da prática social.

A primeira tarefa a que nos propusemos no presente estudo consistiu em buscar definir o campo temático da Psicologia e da Educação com a dinâmica da prática social do Esporte. Essa tarefa não se apresentava como algo relativamente fácil. Pois a área da Psicologia e da Educação tem sido constituída por diversos e apropriados temas, mas não há, efetivamente, uma considerável produção, teórica e reflexiva, sobre a questão do Esporte. Embora saibamos que há uma especializada área da Psicologia, enquanto campo epistemológico mais geral, que se interessa pela questão do Esporte, configurando o que reconhecemos hoje como a *Psicologia do Esporte* ou como a *Psicologia do Desporto*, tal como é definida em outras publicações, há uma diferença estrutural nessa consideração comparativa. A Psicologia do Esporte trata mais especificamente das questões subjetivas e vivenciais dos indivíduos na dinâmica do Esporte, na pluralidade singular das pessoas e na variedade da vida esportiva, mas não se vincula detalhadamente a uma dimensão de análise propriamente educacional.

Nesse sentido, tivemos que realizar um levantamento conceitual sobre a área da Psicologia da Educação e sua possível contribuição teórica com a dinâmica da prática desportiva, que apresentaremos nos capítulos seguintes. A pesquisa é um trabalho teórico e prático considerado de alta complexidade, que se define como um processo dinâmico e contínuo. Como toda atividade humana essa dinâmica investigativa precisa ser criteriosamente planejada, considerando todas as possíveis variáveis e suas etapas, na direção de conseguir a leitura desejada do fenômeno a ser decifrado.

Ao lograr assumir a atitude de pesquisar temos que partir de um planejamento correto e adequado e de, após isso, constituir uma escolha metodológica própria, de modo a nos dar as mediações necessárias para empreender o processo investigativo. No entanto, adotar uma determinada *forma de investigação* ou a opção de assumir uma referenciada metodologia não configura uma atitude que se reduza a uma escolha de base voluntariosa. Adotar uma determinada metodologia significa escolher um *caminho*, um percurso global do

espírito, necessariamente coerente com a visão de mundo, com os valores e com a concepção política que temos para nós, para nossa existência e para a sociedade em que atuamos. Temos tomado como uma importante premissa a consideração de Nunes (2007) que afirma:

(...) Não nascemos pesquisadores prontos, no aspecto estrito desta concepção. Temos que nos fazer pesquisadores pela ação de pesquisar, de perguntar, de expressar a admiração e a curiosidade sobre as coisas e o mundo. Pois toda curiosidade é igualmente uma forma de pesquisa. Mas há atitudes de pesquisa meramente *diletantes e restritas*, e outras que fazem avançar o conhecimento que temos da vida e das coisas que a compõem, são *curiosidades metódicas e referenciais*, que nascem da prática social da pesquisa. Alguns atributos pessoais são desejáveis para que se considere ou se reconheça um bom e eficiente pesquisador. Para Gil (1999), um bom pesquisador precisa, além do *conhecimento* do assunto, ter *curiosidade, criatividade, integridade e disciplina intelectual*, concluindo com uma expressa e patente *sensibilidade social*. São, igualmente, premissas éticas importantes a *humildade* para se desenvolver uma atitude autocorretiva, para se condensar numa *imaginação disciplinada*, para se manter a *perseverança*, sobretudo em momentos de agruras e de aridez, como quase tudo em nossa existência, que se tornam experiências ricas de aprendizagem, antropológicas e acadêmicas, para desenvolver a paciência e a confiança na investigação e na ciência (NUNES, César, 2007, p. 12)

Entendemos que nossa pesquisa insere-se na forma investigativa que se reconhece sob a expressão de **Pesquisa Qualitativa**. Essa forma de investigação considera que há uma *relação dinâmica* entre o mundo real e o sujeito que investiga, isto é, há um vínculo indissociável entre o *mundo objetivo* (externo, sociedade, cultura) e a *subjetividade* do sujeito (interno, identidades, valores pessoais, singularidades), que não pode ser reduzido somente aos critérios formais e estatísticos, demandando, portanto, uma coerente contextualização, um processo de análise, uma acurada interpretação, podendo expressar ainda algumas ricas articulações, sem deixar de apresentar uma densidade crítica, a partir de uma gama sólida de critérios de compreensão e de entendimento, além de possíveis, pluralistas e diversas releituras. Nas pesquisas qualitativas prevalece uma singular apropriação do pesquisador, se expressa a validade de seus interesses e de seus procedimentos, emergem os dados de bastidores, configuram-se os contextos e os pretextos que se podem acrescentar ao ideário de pesquisa.

Ainda continuamos referendados em Nunes (2007) para expressar essa nossa opção metodológica:

(...) A primeira aceção do que se entende por *método* refere-se mais ao quadro teórico, propriamente dito, do que a um determinado modelo lógico-operacional de investigação. Vincula-se ao conjunto de princípios, ao universo de categorias, ao conjunto de conceitos e de diretrizes em que um pesquisador se insere ou se integra. Cada um de nós, quanto mais reflexa e amadurecidamente considera sua ação, encontra-se integrado a uma determinada *visão de mundo, a uma concepção de homem e ciência, a uma compreensão do que seja a sociedade e a cultura*, a partir de algumas explicitações de natureza subjetiva, social e política. Cada um de nós vai

se engendrando numa determinada *concepção de mundo* (*weltanschauung*), que se torna o substrato ontológico de nossas escolhas científicas, de nossas condutas éticas e de nossas práticas políticas. Esse é o *primeiro sentido de método*, a visão de mundo que nos sustenta, nos engendra, nos baliza e que fundamenta nossa existência como pessoas, como cidadãos e, conseqüentemente, como pesquisadores. Essa consciência explícita a orientação geral de nossa ação e se torna um condicionante coerente de nossas escolhas epistemológicas e operacionais. Não há como agregar num sistema coerente de estudos e de pesquisas elementos de universos teóricos e políticos incompatíveis, sob o perigo de superficialidade, de ecletismo ou de desfaçatez científica (NUNES, César, 2007, p. 24).

Para abordar a possível contribuição da Psicologia da Educação para a construção de vivências de gestão democrática e emancipatória no cotidiano dos espaços esportivos utilizamos como fonte de pesquisa os estudos de cunho bibliográfico com o aporte teórico de livros, de publicações em periódicos, de artigos científicos na área e depoimentos referenciais. Descartamos as entrevistas e os acompanhamentos de dinâmicas vivenciais em clubes, pela dificuldade de acesso e pela escassez de disposição dos atletas e de seus clubes.

2.1 Uma incursão histórica pelos campos do Futebol e da Memória.

O estudo que empreendemos buscou analisar as possibilidades de manejo dos conteúdos e das práticas da Psicologia no campo do Esporte, especificamente na área do Futebol. A primeira grande dimensão motivacional que nos levou a buscar essa pesquisa consistia na tentativa de interpretar a nossa própria atuação, pelo médio período de doze anos, envolvidos na dinâmica de um esporte de alto rendimento, o Futebol. Buscamos constituir o presente estudo, a partir de uma *anamnese* crítica e autorreflexiva, de modo a gerar as condições possíveis para entender quais teriam sido os caminhos pelos quais nossa formação esportiva e nosso desenvolvimento pessoal pode se estruturar, na dinâmica dos campos de futebol de um país que tem nesse esporte quase que uma identidade nacional.

Essa *anamnese* crítica teve como intenção a vontade de investigar os possíveis conteúdos e as intervenções próprias da Psicologia, de seus conceitos e de suas categorias, que poderiam estar integrados ao nosso universo de formação. Na verdade, a tipologia formativa da carreira de atleta de futebol tem sido pouco estudada em nosso país, embora a propaganda que se vê ao redor da prática esportiva do Futebol e a instigante ansiedade social que o envolve seja capaz de inspirar legiões de meninos e de meninas, tanto em nosso Brasil quanto no mundo todo, a sonhar poder viver o desabrochar de uma carreira mágica.

Todos sabemos que o Futebol, esporte classificado como atividade esportiva de alto rendimento, é hoje uma grande e universal indústria, um dos esportes de maior visibilidade e repercussão internacional, transformado em *megaevento* e em uma expressiva

supraestrutura ideológica carregada de contradições de todas as modalidades e dimensões. Sobre essa dialética do futebol muitos autores já se expressaram destacando tanto seu caráter de massa quanto seu papel ideológico e político.

A carreira de jogador de futebol tem sido arrolada como o grande sonho de milhões de meninos do Brasil e, mais recentemente, pelas conquistas da presença de mulheres no Futebol, também tem sido o sonho das meninas do nosso País, para garantir a igualdade de gênero no acesso a todas as realidades sociais.

Nosso país tem uma peculiar relação com o Futebol, sua história e sua identidade na trajetória mundial, por ter se destacado desde o começo do século XX na prática desse esporte. Evidentemente que esse destaque se deu em diferentes fases e níveis; primeiramente o futebol penetrou profundamente nas bases urbanas daquele momento histórico, o começo do século XX, depois se transformou num esporte de elite, quase sempre pautado nos interesses das classes sociais hegemônicas e, à medida que a simpatia popular se firmava ao redor desse esporte coletivo, simples e acessível, o futebol foi assumindo características peculiares e funções sociais e políticas diversas e contraditórias. Paulatinamente o Futebol no Brasil transformou-se num esporte alinhado às políticas de Estado de modo que, no período de Getúlio Vargas (1930-1945) e igualmente nos períodos posteriores, passou a ser representante de uma suposta identidade nacional, coerente com os interesses do *nacional-populismo* que elegia as práticas sociais de massa para manejo e manipulação de natureza ideológica e política. Temos algumas marcas históricas e identidades culturais que ajudam a entender essas contradições.

O Brasil acabou por sediar em 1950 a Copa do Mundo, a primeira versão da Copa Mundial de Futebol após a Segunda Guerra Mundial (1939-1944) destacando-se com a mensagem de uma modernização irreversível em marcha e a vitória sonhada por todos os brasileiros, alimentados pela Era do Rádio, em transmissões radiofônicas que levavam a milhões de brasileiros o sonho de conquistar a Taça do Mundo. Tragicamente o Brasil haveria de perder a final para o Uruguai numa partida que permaneceu por muitos anos como uma tragédia nacional. O desfecho dessa derrota fora tão frustrante sobre a população brasileira que parecia que o Brasil tinha perdido uma guerra. No entanto, construíra até aquele momento o maior estádio do mundo, o *Maracanã*, e se destacava no campo das disputas internacionais do *esporte bretão*, numa alusão à paternidade inglesa desse esporte coletivo.

Ao fim dessa década, na Suécia (1958) e no transcorrer das décadas seguintes, em 1962 (Chile) e depois em 1970 (México) a hegemonia do Brasil no campo do Futebol foi incontestável. Nosso país alcançaria o *tricampeonato mundial* sendo reconhecido como a

maior expressão desse futebol criado ou inventado pelos ingleses, como já consideramos. Nos períodos ou nas décadas que vieram a seguir o Brasil alcançaria mais dois campeonatos mundiais, tornando-se o maior vitorioso em certames internacionais dessa natureza, as Copas do Mundo. Há também que se registrar que a segunda Copa sediada no Brasil em 2014 o nosso time nacional, além de movimentos políticos que acompanhavam a expressão daquela época histórica, acabaria por ser derrotado pela Alemanha por 7x1 numa partida que ainda hoje causa espanto e levanta contradições em todas as análises possíveis.

Mesmo nesse ano de 2018, com recente finalização da Copa do Mundo da Rússia (Junho e Julho de 2018), o Brasil continua a ostentar uma marca única e indelével, o título de Pentacampeão Mundial de Futebol. No entanto ainda que se possa considerar o pleno reconhecimento nacional e internacional de que os nossos jogadores, tanto aqueles que atuam no país quanto aqueles que atuam fora dele, são os melhores do mundo alinhando-se com outros grandes craques e demais *estrelas* desse esporte de outros países, a *seleção canarinho* deste ano foi eliminada pela inexpressiva Bélgica nas quartas de final pelo placar de 2X1 e, apesar de todo o esforço preparatório empreendido não logrou passar nem para as etapas finais do certame causando novamente uma frustração nacional e a revitalização dos discursos que defendem a necessidade criteriosa de renovação das formas e das políticas de gestão desportiva do Futebol Brasileiro. Fazemos coro com essa legião de analistas nesse diapasão comum.

Nossa trajetória pessoal como *jogador de futebol* acabou por marcar indelevelmente a nossa personalidade e definir a linha mestra de nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Atuamos há cinco anos no magistério de Educação Física nas escolas de Educação Básica e há três anos no magistério de Educação Física de Ensino Superior. Deixamos para trás uma identidade ou uma trajetória de formação no campo do futebol profissional no qual atuamos por 12 anos, só recentemente empreendemos uma trajetória formativa e profissional no campo da Educação, notadamente da Educação Física, com a Graduação Plena (Bacharelado e Licenciatura) nessa área e modalidade profissional.

Essa marca que trazemos, de ter atuado no futebol profissional por mais uma década, tem um ponto de simbologia e de destaque que tanto pessoalmente quanto socialmente acaba provocando em nossa personalidade e no nível motivacional de nossa vida muitas leituras e tantas representações. Podemos dizer que a carreira de formação como atleta de futebol acompanhou e sincronizou-se com nosso desenvolvimento pessoal e nossa formação humana.

No transcorrer dessa rápida e intensa trajetória logramos chegar ao ponto máximo do almejado mundo do futebol, quando fomos convocados para atuar na Seleção Brasileira Oficial Sub-18, no ano de 2005, num campeonato mundial oficial realizado na cidade de Sendai, no Japão. Como atletas profissionais iniciantes, chegar à seleção brasileira traduzia-se numa admirável projeção e efetivava o sonho de uma potencialidade profissionalizante; nossa atuação na seleção brasileira Sub-18 acabaria por marcar nossa identidade pessoal e profissional. Essa marca manteve-se no período que estivemos atuantes no esporte profissional nos diversos times e agremiações que vivenciamos. E mesmo depois de finalizada a curta carreira profissional em razão de contusões constantes e de uma lesão no joelho direito, quase que irreparável para aquela época, acabamos por encerrar essa trajetória de natureza profissional. No entanto, por força da proximidade teórica e prática acabamos nos graduando em Educação Física, como afirmamos, e seguindo a vida na direção da docência e pesquisa. Nessa atual atuação como professores nunca deixamos de representar e de sermos compreendidos como educadores sem a identidade de termos sido um *jogador profissional*. E, longe de fazermos um exercício somente ufanista, buscamos através da leitura crítica de nosso perfil e de nossa carreira, o que denominamos anamnese crítica de nossa própria trajetória, transformar essa vivência num ideal educativo, numa narrativa de apresentação educacional da trajetória da formação do jogador de futebol, de modo a apresentar as belezas e potencialidades dessa profissão, juntamente com a dinâmica própria de toda atividade humana, a necessidade de perseverança, a constatação das contradições institucionais, o apelo midiático, o pensamento muitas vezes mágico e as armadilhas todas que se encerra em toda atividade social acarretando o reconhecimento igualmente de interesses escusos e movimentos históricos que se expressam em todo o movimento de formação ou de produção social de uma carreira de sucesso no futebol.

Essa nossa digressão expositiva sobre nossa identidade retoma a intenção de fazer com que a leitura crítica da carreira de meninos e meninas e de futuros jogadores profissionais de futebol seja analisada do ponto de vista educacional e formativo, de modo a questionar o pensamento mágico e a ideia ilusória de que a carreira é um passe mágico a partir do talento. Requer ainda, ao mesmo tempo, a coragem de retirar a compreensão de que a carreira de futebol seria uma carreira marcada somente pelo sucesso, sem contradição alguma. Entre a formação atlética e a formação ética é preciso que se analise a formação social e educacional dos jogadores de futebol.

A denominada *formação de base* é quase sempre institucionalizada nos grêmios e nos times que mantém ainda uma chamada *escola de base*, uma instância de formação na qual

se recruta meninos de todas as classes sociais para gerar supostos atletas promissores para compor seus quadros. Nesse processo a *anamnese* crítica é uma das fontes de nossa investigação. Apresentamos essa *memória reflexiva* questionada a partir das leituras e dos conteúdos que logramos fazer no campo da Psicologia da Educação, da Psicologia do Esporte e, mais propriamente, dos conteúdos da Psicologia.

2.2 A Psicologia, o Esporte e a Formação Humana e Profissional.

A etimologia da palavra *Psicologia* refere-se a uma das ciências mais importantes da condição humana contemporânea. No entanto, a compreensão do que seja a Psicologia tornou-se um trabalho histórico exigente, pelo seu caráter cumulativo e político. Platão (428-348 a.C), no século III a.C define a Psicologia como *a investigação sobre as coisas da alma*, tomando o conceito de alma como *vida mental*, como um determinado nível recôndito da parte metafísica ou transcendente da condição humana. O conceito de Psicologia aparece mais especificamente em Platão e em Aristóteles (384-322 a.C), embora sejam reconhecidas alusões em Pitágoras(570-495 a.C) e Thales de Mileto (624-546 a.C).

Os filósofos pré-socráticos são notáveis *físicos*, pois escreveram muito mais sobre as coisas materiais, sobre o princípio material da vida, tiveram uma atuação na direção da busca do *primeiro elemento* que pudesse dar origem ou estabelecer a base de compreensão da materialidade primeira de todas as coisas, chamada *Arqué*. Preocupavam-se com a base material do mundo (*Ta Fysis*) embora ainda não tivessem uma distinção plena entre o mundo empírico e o mundo racional ou transcendente. Os pré-socráticos usam mais o conceito de *pneumaton*, significando a descrição das essências ou da natureza da *alma*. A Filosofia é, por assim dizer, o berço ou a mãe da Psicologia antiga.

Sobre essa filiação SCHNEIDERMAN (1988) costumava dizer que:

Whitehead disse que a história da filosofia é uma série de notas de rodapé acrescentadas a Platão. Antes de Lacan, a história da Psicanálise era uma série de notas de rodapé referentes a Freud. O surpreendente, na produção teórica de Freud, é que esta fosse tão superior ao resto que toda a história da psicanálise fosse obra de um só homem. Não é como se a teoria dos sonhos se tivesse construído pouco a pouco através dos esforços de uma equipe de cientistas; a teoria dos sonhos está contida em um volume escrito por um homem. Na França de Lacan, todas as grandes construções teóricas sempre foram o trabalho de um só. É raro que tais coisas aconteçam (SCHNEIDERMAN, Stuart. 1988. p. 25)

A primeira grande atuação no sentido de reconhecer a identidade da Psicologia foi efetivada pelo filósofo luterano Philipp Melancthon (1497-1560) em 1550, companheiro da Reforma de Martinho Lutero (1483-1546), que usou o conceito de Psicologia para designar uma expressão – a busca da perfeição moral da alma -, a Psicologia seria uma espécie de

psicagogia, a condução da alma para seus melhores propósitos. Podemos afirmar hoje, com alguma propriedade, que Christian Wolff (1679-1754), um dos grandes seguidores da Filosofia de Leibniz (1646-1716), teria sido o primeiro estudioso a analisar a Psicologia em duas grandes identidades, a chamada Psicologia Empírica, tratando dos sentimentos e das disposições corporais da condição humana, e a Psicologia denominada Racional, que buscava investigar os processos mentais envolvidos na condução da atitude moral humana.

Immanuel Kant (1724-1804), considerado um dos maiores filósofos da história ocidental, na sua clássica obra *Crítica da Razão Prática* (1788), define que a Psicologia não pertence ao mundo metafísico, que ele teria tratado na *Crítica da Razão Pura* (1781). Kant condensa o conceito de Psicologia como uma *investigação de natureza material ou de natureza empírica* da identidade moral humana; assim temos cumulativamente uma densidade de sentido etimológico e filosófico para o conceito de Psicologia. Hoje a Psicologia encontra-se plenamente reconhecida como uma ciência que investiga as causas, as razões, os processos e os comportamentos humanos, em sua identidade biopsicossocial e subjetiva. Na verdade, há algum tempo atrás, a Psicologia era tida como uma estreita *ciência do comportamento* e hoje os autores ampliaram esse conceito, a Psicologia passou a assumir um conjunto de sentidos como *investigação das razões do comportamento humano*, como pesquisa e conhecimento das *frustrações e dos desejos recônditos*, como *análise social do comportamento moral* e outras tantas potencialidades, pois hoje dizemos que já não há uma única definição de Psicologia, mas diversas formas de entender a Psicologia tal como a sua ciência matriz, ou sua mãe inicial, a Filosofia. A Psicologia não se reduz a uma definição estreita, ela acaba sendo a conjunção ampla de diversos enfoques, com diferentes concepções, categorias e alcances.

É importante lembrar a criteriosa definição de Jung (1983):

No campo da Psicologia podem as teorias ter efeitos extremamente devastadores. Precisamos, com certeza, de alguns pontos de vista teóricos, por causa de seu valor orientador e heurístico, mas devem ser sempre vistos como meros modelos auxiliares, que podem ser abandonados a qualquer momento. É tão pouco ainda o que conhecemos da alma, que se tornaria deveras ridículo acreditar que já estivéssemos em condições de podermos estabelecer teorias gerais. Ainda nem sequer conseguimos determinar o ambiente empírico da fenomenologia psíquica. Nestas circunstâncias, como seria possível sonhar com teorias gerais? A teoria representa, inegavelmente, o melhor escudo para proteger a insuficiência experimental ou a ignorância. As consequências, porém, são lamentáveis: mesquinhez, superficialidade e sectarismo científico (JUNG, C. 1983, ps. 09-10).

Formada por muitas escolas, sistemas e autores a Psicologia acabou por abarcar diferentes temas e dimensões da prática social humana. A compreensão do ato educativo também ocuparia a Psicologia como ciência. John Dewey (1859-1952) e Carl Rogers (1902-

1987) são dois grandes autores contemporâneos que trabalham a compreensão do que levaria a criança a aprender, como se internalizariam os processos de ensino e de formação e como se organizam as consequências dessa aprendizagem e internalização. Hoje a tarefa da Psicologia como ciência social deve ser explicitada na direção de congregar esforços para explicar, de maneira mais ampla e lúcida, as motivações e a identidade da natureza humana como pessoa, como indivíduo, como subjetividade e como coletividade.

Merece destaque o trabalho de Jean PIAGET (1972) na constituição de uma nova concepção investigativa para a Psicologia. Ele mesmo apresenta a originalidade de sua concepção e método ao afirmar que:

O que se propõe a Psicologia genética é pois, por a descoberto as raízes das diversas variedades de conhecimento, desde as suas formas mais elementares e seguir sua evolução até os níveis seguintes até, inclusive, o pensamento científico. Mas se esse gênero de análise comporta uma parte essencial de experimentação psicológica, de modo algum significa, por essa razão, um esforço de pura Psicologia. Os próprios psicólogos não se enganaram a esse respeito, e numa citação que a *American Psychological Association* teve a gentileza de enviar ao autor destas linhas depara-se com essa passagem significativa: “Ele enfocou questões até então exclusivamente filosóficas de um modo decididamente empírico, e constituiu a epistemologia como uma ciência separada da filosofia, mas ligada a todas as ciências humanas”, sem esquecer, naturalmente, a biologia (PIAGET, Jean. 1972, p. 08).

Ou ainda, contraditando os argumentos daqueles que poderiam obstar que sua abordagem seria uma extensão do cientificismo positivista, ele mesmo a defende com as seguintes palavras, no mesmo livro de 1972:

Em poucas palavras se encontrará nestas páginas a exposição de uma epistemologia que é naturalista sem ser positivista, que põe em evidência a atividade do sujeito sem ser idealista, que se apoia também no objeto sem deixar de considerá-lo como um limite (existente, portanto, independente de nós, mas jamais completamente atingido) e que, sobretudo, vê no conhecimento uma elaboração contínua: é este último aspecto da epistemologia genética que suscita mais problemas e são estes que se pretende equacionar bem assim como discutir exaustivamente. (PIAGET, Jean. 1972, p.11)

Os problemas da cultura humana não podem ser analisados numa compreensão estreita, o estudo da dimensão pessoal, o estudo do grupo social tudo isso faz parte do grande *objeto* da Psicologia. A Psicologia analisa a ação humana, sobretudo a sua construção na prática social, mas não descarta das singularidades e das subjetividades, dos seus processos e de suas identidades de modo geral. A Psicologia analisa hoje tanto a parte biológico-genética, matriz das escolas do século XIX e depois profundamente alterada por S. FREUD (1856-1939), quanto as dimensões da *psique*, propriamente dito, ou do sistema psíquico representado pela fala (linguagem), pelas atitudes, pela própria personalidade, coincidindo com o comportamento tido como normal ou neurótico/patológico. A Psicologia hoje, nesse sentido,

busca compreender a *tipologia* do comportamento humano, a identidade da condição humana social e as identidades subjetivas singulares, de modo a encontrar os meios sociais e grupais para que a vida individual e coletiva seja melhor e mais amplamente vivida e compreendida.

Ainda nos baseamos em Schneidermann (1988) para fundamentar que:

A psicanálise foi descoberta por um neurologista vienense chamado Freud. Foi apelidada de “cura pela palavra” pela primeira paciente analítica, Bertha Pappenheim, ou Anna O. Esta não era paciente de Freud; seu médico era Joseph Breuer, que recorreu a seu colega Freud nesse caso. Freud não foi o primeiro a empreender um tratamento analítico, e sim o primeiro a oferecer uma supervisão analítica. A psicanálise se desenvolveu como uma tentativa para tratar pacientes intratáveis. Seu objetivo era a cura, e seus praticantes, de modo geral, têm sido médicos. Originou-se até mesmo uma subespecialidade chamada psicoterapia, relacionada com a análise aproximadamente da mesma forma pela qual a fisioterapia se articula com o tratamento médico. Não existe uma contradição básica entre a psiquiatria e a Psicologia no que se refere ao objetivo. E, enquanto a psicanálise pensa que ela, também mantém como objetivo a obtenção da cura, enquanto julgar o tratamento pelos resultados, ela também encontrará sua realização dentro da comunidade médica (SCHNEIDERMANN, 1988, p. 50)

A Psicologia não pode ser analisada em totalidade monolítica, nem se torna uma atitude prudente elogiá-la de maneira absoluta ou negá-la em totalidade, a Psicologia, como todo esforço humano, é uma prática social e um discurso, é um conjunto de saberes que se constitui na história para lograr decifrar a dramática e maravilhosa história da existência humana.

Nesse sentido, podemos reconhecer a Psicologia da Educação como uma área ou especialidade da Psicologia que se preocupa com a dinâmica do ato educativo e com as relações entre o ensinar e o aprender. Juan Luis Vives (1492-1540), Erasmo de Rotterdam (1466-1536) e propriamente Sócrates (469-399 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C), para reduzir a alguns baluartes, acabam sendo autores, que em diferentes dimensões e em épocas distintas, apresentam referências à questão da Psicologia Educacional. Santo Agostinho (354-430) na Idade Média e, mais tarde, o moderno Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), embora não nominadamente no campo da Psicologia, escrevem tratados referenciais sobre a condição da criança no *Emílio* (1762) de Rousseau e no *De Magistro* (389) de Santo Agostinho, ambos com caracteres psicológicos e com dimensões filosóficas e sociológicas amplas, marcando profundamente as teorias da educação universais.

Na Modernidade teremos constatado a erupção de uma chamada Psicologia da Aprendizagem de inspiração *behaviorista* que busca entender as motivações neurológicas cerebrais e afetivas ou sentimentais, como categorias motoras da estimulação motivacional do agir humano. Assim, a Psicologia, da Renascença aos nossos dias, firmou-se como uma ciência investigativa da identidade e da natureza da conduta humana, subjetiva e coletiva.

Tivemos também alguns períodos nos quais a Psicologia, alinhada à dimensão médico-biológica, determinava sentidos e significados para o comportamento humano, num enfoque estritamente biologista e determinista.

No século XX muitas críticas foram endereçadas a um conceito de *Psicologismo*, reduzir todo o comportamento humano a uma dimensão cognitiva-comportamental. Hoje, com a chamada ampliação da compreensão sociológica e antropológica, a Psicologia busca firmar-se como uma concepção de totalidade, um sistema aberto, a sua base epistemológica considera hoje as dimensões físicas e sociais, econômica, política e histórica, todas as estruturas humanas formam o tecido da existência humana. Tanto as chamadas *teorias behavioristas* e *reflexologistas* integram uma parte histórica de uma dimensão psicológica enquanto ciência, seguidas pelas teorias psicanalíticas, que se traduziram numa *segunda onda* ou numa segunda escola, que lograva encontrar um caminho para a caracterização da cura das frustrações humanas pela palavra ou pela fala, *grosso modo*.

Nos últimos anos, influenciados por teorias de natureza antropológica e sociológica a produção da Psicologia desenvolve um potencial humano com diversos temas inovadores entre os quais o corpo, a sexualidade, a espiritualidade, a experiência emocional. Trata-se de uma terceira escala ou força. Mas, podemos entender hoje uma quarta dimensão dos estudos psicológicos chamados como Psicologia Transpessoal, na qual a abordagem é *holística*, isto é, de totalidade, e se estabelece na direção de identificar as causas técnicas e as dimensões terapêuticas, tanto na compreensão da alma, da conduta moral e da própria educação. A Psicologia de natureza transpessoal é chamada como *quarta forma ou como quarta onda* da construção cumulativa da Psicologia enquanto ciência, aberta ao transcendente, ao cosmos, à espiritualidade. Sobre esta concepção de Psicologia afirma TELES (1994):

Jung foi, provavelmente, um marco profundo na história da Psicologia. Com ele, a Psicologia passou a perceber estados mais amplos de consciência, que estavam além do já conhecido, discutido e pesquisado. Experiências antes consideradas místicas ou alucinantes passaram a ser um campo de grande interesse, abrindo a perspectiva da existência de outras dimensões e da presença, no ser individual, de algo que vai além de sua vivência própria e que se liga ao cosmo, ao transcendental. A Psicologia transpessoal, pois, parece surgir a partir de algumas vertentes, como o trabalho de Jung, os trabalhos de Einstein e dos físicos modernos, as filosofias orientais e as correntes de auto-realização. (...) a visão de mundo, na Psicologia transpessoal, é a de um todo integrado, em harmonia: tudo é energia e não há separação. Ela lida, principalmente, com a “experiência cósmica” ou os estados ditos “superiores” ou “ampliados” da consciência (TELES, Maria Luiza Silveira. 1994 p. 100).

Num recorte específico definimos a Psicologia da Educação como um campo especializado da Psicologia enquanto ciência que se dedica a investigar o processo ou o

fenômeno educacional na sociedade contemporânea. Significa articular dois campos epistemológicos e políticos, de um lado a abordagem *psicológica* como ciência, sua emergência histórica, seus sistemas e suas mediações e, de outro, a questão da Educação e do Esporte e de suas identidades e características singulares. Esta definição expressa a premissa de dizer que a Psicologia do Esporte tem como escopo integrar os conteúdos e as práticas da Psicologia à dinâmica especializada do Esporte e de suas plurais manifestações na sociedade atual.

A possível crítica que pode acompanhar a presente proposição é exatamente esta, de que a Psicologia do esporte seja uma área da Psicologia voltada para análise específica desse fenômeno e que, no caso de nossa pesquisa, sua temática vincular-se-ia à Psicologia da Educação. Entendemos que as duas áreas podem se integrar plenamente, a Psicologia da Educação e a Psicologia do Esporte, na direção da compreensão do fenômeno chamado *esporte de massa*, esporte de alto rendimento, tal como se define a prática e dimensão do Futebol. No entanto, sabemos que os esportes se diferenciam em múltiplas modalidades, cada uma delas com suas especialidades e com suas dimensões próprias, mas o esporte de alta rentabilidade ou de alto desempenho, na sociedade contemporânea carregada de valorização econômica, se transforma em um dos mais destacados eventos espetaculares de lazer coletivo, de modo a dominar sua exibição pelas mídias atuais, todas e ao mesmo tempo constituintes do mais especializado veículo de propaganda das mais diversas marcas próprias do capital.

O Futebol nesse nosso caso, assim como o Voleibol e o Basquetebol, o Golfe e as chamadas Corridas Automobilísticas configuram os cinco esportes de massa de maior apelo consumista, e de maior influência dimensional na vida contemporânea. Nós vivemos em uma sociedade chamada *sociedade do espetáculo* em que todas as coisas podem ser analisadas a partir dessa dinâmica. Muitos autores, no campo da pesquisa na área da Educação Física, analisam a dimensão esportiva vinculada ao lazer e têm ali uma interpretação crítica desse lazer como forma compensatória do capitalismo industrial e como expressão da dinâmica da realidade social mercantilista.

O esporte, tal como se configura na sociedade capitalista, não é uma atividade neutra e nem uma atividade desinteressada; a dinâmica do esporte está carregada das mesmas características da mercantilização própria do capital e, ao mesmo tempo, das características ideológicas e processuais do consumismo, que acabaria por pautar condutas e comportamentos, sobretudo entre os jovens e as crianças, destacando um conceito próprio de vitória, uma dinâmica própria do jogo e uma exaltação dos vitoriosos ou dos times, pessoas e *estrelas*, que se transformariam em ídolos da sociedade do espetáculo contemporâneo. Nossa

preocupação consiste em buscar entender e analisar todos esses fenômenos vinculados à formação do atleta e, ao mesmo tempo, ao discurso ideológico de que todos serão capazes de transformar-se, se não em atletas de alto rendimento, pelo menos em atletas amadores e cidadãos atuantes e esclarecidos.

O futebol, nosso objeto de escolha, é uma megaindústria que hoje congrega bilhões de dólares no mundo e arregimenta certames internacionais como a propalada Copa do Mundo, mas também se expressa em certames continentais, como a Copa da UEFA, que ocorre na Europa, a Copa Libertadores da América, que congrega os times e clubes da América Central e da América do Sul, a Copa da Ásia e da África, cada um a seu tempo e pauta. Reconhecemos no produto do Futebol uma possível trajetória de expansão e de atuação que pode ser amiúde constituída da Europa para as Américas, da Europa e das Américas para Ásia e para a África, sendo o mais cosmopolita (universal) mercado de jogos e de jogadores, de propaganda e de estilos de vida do mundo contemporâneo.

Apropriarmos das categorias da Psicologia do Esporte e da Psicologia da Educação para compreender a formação do atleta foi a nossa primeira preocupação. Nessa direção empreendemos uma *anamnese* crítica, tal como já expusemos, de nossa própria experiência vivencial como jogador de futebol, por mais de uma década, tendo atuado cinco anos na dinâmica da *formação de base*, em clubes de relevância do nosso país. Era necessária essa Memória.

Logo após a vivência da carreira de jogador profissional, anteriormente relatada, nos dedicamos ao estudo criterioso da Formação do Profissional de Educação Física no campo da Licenciatura e do Bacharelado em Educação Física. Seguimos estudando a Gestão Esportiva, em nível de Especialização e, no presente momento, estamos nos preparando para o Exame de Qualificação, etapa necessária para a obtenção do título de Mestre em *Psicologia e Educação* na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. O documento que ora apresentamos como um relatório parcial, no sentido de interpretar, tanto a nossa trajetória pessoal quanto a dinâmica do esporte na sociedade contemporânea e as suas potenciais contradições, nesse campo formativo, é uma parte de nossa trajetória formativa.

Nesse projeto buscamos perguntar, quais seriam os conteúdos e os recursos da Psicologia que poderiam auxiliar na primeira identificação, na compreensão e na canalização produtiva dos conflitos, das contradições e dos elementos humanos singulares e coletivos presentes na trajetória formativa do atleta de futebol? Nessa busca e nessa trilha nos deparamos com a obra de Jacob Levy Moreno (1889-1974), que representa uma original escola de formação na Psicologia, pois interpreta a Psicologia como um fenômeno de

formação antropológica, pressupondo o homem integral ou o homem *omnilateral*. Nesse processo acaba por destacar nessa ciência investigativa a dimensão da teatralização dos conflitos para além da estreita dimensão da fala. Moreno qualifica a dimensão da exposição verbal e da representação cênica dos fenômenos, das contradições e dos procedimentos que nos envolvem a todos na nossa trajetória humana, social e formativa. Moreno empreende uma novidade ao buscar definir uma metodologia *coletiva ou grupal* da compreensão das causas das frustrações ou dos fenômenos que abatem ou constituem nossa identidade.

Portanto, essa dinâmica social aberta ao conteúdo coletivo, monitorada por um agente de formação específica na Psicologia confere ao pensamento de Jacob Moreno uma identidade plenamente inovadora e potencialmente formativa em nossa concepção. Foi nesse momento e nessa dinâmica que entendemos ser possível manejar os meios e os instrumentos do *Psicodrama e do Sociodrama* moreniano para o encaminhamento e a resolução de grandes problemas e de grandes desafios formativos presentes na carreira do atleta de futebol profissional e na dinâmica própria da vida esportiva.

Nessa direção tivemos como fonte primária de nossa potencialidade reflexiva a nossa própria carreira e como campo interpretativo a consideração dos clubes pelos quais passamos, através da referida anamnese crítica. Logramos também investigar essas possíveis identificações em clubes de futebol amador pelos quais atuamos e com os quais convivemos até hoje em nossa carreira como professor de Educação Física na Educação Básica, na Universidade e na Comunidade ou sociedade de bairro onde vivemos e atuamos. Nesses três campos, a saber; a dinâmica da escola básica, com aulas regulares de Futebol de Campo e Futebol de Salão, a chamada dinâmica da *formação de futebol* na universidade e, ao mesmo tempo, acompanhando uma agremiação de futebol amador no bairro de Barão Geraldo, em Campinas, não deixamos de registrar, em nosso diário de campo, as impressões que tivemos dos problemas, das contradições e das eventuais possibilidades de encaminhamentos coletivos desses conflitos de natureza psíquica singular e de natureza coletiva, próprios da convivência e da realidade social ali vivenciada.

Nossa intenção nesse projeto foi a de buscar constituir uma *tipologia* dessas contradições, de modo a lograr oferecer, através da Psicologia da Educação, a partir da consideração das teorias e das práticas psicodramáticas de Jacob Levy Moreno, um instrumento de manejo e de resolução desses conflitos coletivos vivido na dinâmica do futebol. Entendemos que, para empreender tal intenção teremos que conhecer com profundidade e consolidar a formação inicial no campo da Psicologia.

2.3 As estruturas da vida esportiva no Futebol e seus conflitos (in)visíveis.

A primeira questão que nos desafiou foi a de encontrar as fontes possíveis de serem acessadas para identificar e legitimar as principais potencialidades analíticas do campo temático que empreendemos. Nessa direção fizemos um *roteiro de observação* de modo a poder identificar e criteriosamente analisar as práticas comuns e os desafios que se manifestavam similares no campo empírico da vivência do futebol.

Em primeiro lugar entendemos que a formação do atleta se baseia no conceito de *talento*, numa ideia apriorística que supõe que um menino, no caso da trajetória de *formação de base*, detenha certo tipo de distinção ou dom. A busca de talentos é a primeira grande acepção que se vivencia no mundo do futebol e essa dimensão de *reconhecimento do talento* organiza toda uma estrutura de captação de atletas no país, configurando o que definimos pela alegoria do Recrutamento. As crianças são levadas pelos pais para as escolinhas de futebol conveniadas com os clubes, outras vezes são levadas diretamente aos clubes, e há certames e campeonatos exaustivos desde a idade dos quatro ou cinco anos com uma lógica própria de enfrentamentos de jogos, de acompanhamento dos pais na direção de consolidar o que se configura como a oportunidade de reconhecer os talentos. O fato de poder ostentar um uniforme de uma determinada agremiação ou ter uma rotina de presença e de atuação nesses campos é uma das primeiras e das mais originais dimensões dessa ansiedade por formar ou encontrar os talentos.

Evidentemente que aqui temos um recorte sociológico que destaca as crianças e os jovens das camadas médias urbanas, pois a maioria das crianças oriundas das camadas populares continua a jogar no que se configurou chamar de *peladas* e de *campos de várzeas*, campos pequenos e improvisados, à beira de alguns terrenos de pouco valor venal, assimétricos e sem cobertura de grama ou de mínima infraestrutura (banheiros, alojamentos etc.) recebidos pelas crianças e jovens com a mesma magia e dinâmica dos lugares preparados para os exercícios de futebol. Nas escolinhas de futebol há uma premissa própria, é necessário observar as crianças e ver os que têm um toque diferenciado, um tipo de apelo ao talento individual, que faz com que essa ansiedade de procura se traduza numa combinação de obrigação de encontrar ou descobrir futuros craques, dos *olheiros*, dos técnicos, muitas vezes em contradição com a projeção dos pais e da própria dinâmica dos jogos. A ideia prevalecente é de que os talentos das crianças devem ser amiúde pesquisados e identificados – essa premissa é o que movimenta os certames infantis, os campeonatos de adolescentes e de crianças, expostos com nomes diversos. Ali se destaca quase sempre um tipo de discurso, o

discurso da perseverança, o sermão da *dedicação* plena, o apelo do *esforço* e a promessa de uma vida ou de uma carreira brilhante como consequência.

Entendemos que, nesse momento no que configuramos chamar de *porta de entrada* da formação esportiva, a dinâmica da Psicologia já poderia ajudar os formadores técnicos, o pessoal de apoio e propriamente os pais dessas crianças a lidar com melhor compreensão desse momento, na direção de reconhecer que a carreira de futebol, tal como outras dinâmicas da vida humana e da produção ou da prática social do esporte, têm belezas, revela potencialidades, mas reserva também contradições, erros e obstáculos, pois sobre ela pesa uma grande indústria chamada *sociedade do consumo e do espetáculo*.

A Psicologia da Infância, a Psicologia do Esporte e mesmo a Psicologia como *ciência de compreensão das contradições humanas* parece estar longe das abordagens quase sempre autoritárias, altamente apelativas, das preleções nos campos das milhares de escolinhas infantis recrutadoras. E mesmo nas aspirações dos pais quase sempre sem intenção, evidentemente, aparece a cobrança tácita dos seus filhos e filhas, na projeção sublimada dos pais por um desempenho que eles ainda não detém, ressonância da própria sociedade que já projeta nos pequenos chutes de um jovem atleta infantil, a possibilidade de milhões de reais ou de dólares. O futebol é uma carreira quase sempre assimilada como a carreira das estrelas mundiais, que são raríssimas, e acaba por condensar e emanar todo o imaginário coletivo do início da carreira futebolística.

A premissa que há é a de encontrar *talentos*, nas disputas que há entre agremiações futebolísticas. O papel do treinador infantil e das equipes de apoio é extremamente frágil, não no sentido negativo somente, porque não há uma preocupação com a formação de atletas dos clubes em questão, pressupondo que o discernimento do próprio mercado e da própria área haverá de levar aos melhores clubes as melhores expressões esportivas daquela geração. Os treinadores infantis, apesar da boa intenção com que se dedicam a esse ofício, alguns deles de maneira heroica, continuam pautados pela ideia de que *eu vou descobrir aqui ou acolá uma pepita*, e que *o meu papel é descobrir o que já está predisposto*, com pouco acento na ideia de formar racional e educativamente. E mesmo quando há o conceito de formação, esse conceito é de estreita formação técnica, na linha de transmitir os *fundamentos do futebol*. Afirma-se - *Eu tenho que dar os fundamentos do esporte, eu tenho que criar uma conduta de perseverança atlética na criança*, - mas há pouca ou quase nenhuma preocupação com a formação ética, com a formação estética e com a formação afetiva ou psicológica dos atletas nesse processo.

A segunda grande demanda ocorre na adolescência, os jovens quase sempre recrutados das bases, também são levados a empreendimentos de disputas esportivas entre si, com notável repercussão social sem, contudo, uma adequada preparação criteriosa e uma consistente conscientização sobre o fenômeno desportivo em sociedade, sobre o próprio momento no qual estão vivendo a própria adolescência. Ficam alijados da consideração da questão da dimensão afetiva, da descoberta corporal, da sexualidade, dos valores sociais, das práticas e das condutas de sensibilidade social. Todos parecem imantados pelo conceito de terem sido vitoriosos na trajetória de três ou quatro anos passando por *peneiras* arbitrárias e meritocráticas.

Na concepção comum dessa fase o atleta já estaria em processo, quase que pronto, para atuação nos grandes clubes ou agremiações. Em muitos clubes o recrutamento de adolescentes se dá em função de um paradigma do futebol brasileiro, a Copa São Paulo de Futebol Junior, patrocinada pelo Município de São Paulo em todo mês de janeiro, culminando na celebração do aniversário da cidade, em 25 de janeiro de cada ano. Esta disputa, com cobertura da imprensa esportiva, no recesso dos campeonatos oficiais nacionais e nas férias regulares dos jogadores, torna-se o maior horizonte de disputa entre os jovens e seus clubes, a chamada *vitrine do futebol* como carreira profissionalizante. Muitos renomados atletas tiveram nessa copa exatamente essa condição, mas dos milhares que participam a proporção daqueles que são assimilados pela carreira esportiva de ponta é muito pequena ou quase insignificante. Se na infância a Psicologia poderia ajudar a compreender a condição da criança, os jogos como dimensão de sociabilidade, a compreensão do desenvolvimento pleno de todas as potencialidades corporais, a descoberta de seu corpo e a consciência da motricidade, tudo isto é deixado de lado pelo cultivo da ideia de um *talento inato* e da cultura da vitória a qualquer preço.

Na adolescência esse fenômeno se transforma quase que uma obrigação, sobre os clubes e sobre seus jovens atletas há uma espada de Dâmoques, quem não vencer e não fizer os gols necessários, não for melhor defensor, não cumprir o que o treinador estabelece, nessa ocasião terá sua última chance, não haverá nenhuma outra. Essa dinâmica de cobranças constantes e de poucas mediações de estimulação da autoestima, da confiança, do destaque coletivo do esporte grupal, como é o futebol, configura um dos principais conflitos da disputa atlética ou da formação de jogadores no Brasil. No reconhecimento dessa dinâmica, temos clareza que a Psicologia de Jacob Levy Moreno auxiliaria sobremaneira na consideração dos conflitos do fenômeno da adolescência, das disposições da coletividade, da diminuição do acento no desempenho individual.

A ideia de resolver os conflitos, sejam eles de natureza existencial, sejam eles na relação coletividade e treinador, seja ainda pela compreensão ampla do mundo do futebol enquanto indústria seria de fundamental ajuda e de fundamental disposição para essas crianças ou jovens em formação. O Psicodrama e o Sociodrama, manejados com alguma maestria e singular habilidade, seriam capazes de encaminhar e de canalizar energias tantas acumuladas pelo fracasso constante, pela cobrança diária e pela estressante condição de disputa no campo do futebol. Bem como no campo maior que é a vida.

CAPÍTULO III – O PSICODRAMA NA REALIDADE DO ESPORTE: considerações sobre a Psicologia da Educação e do Esporte na formação do atleta como fator de autoestima e de humanização.

No presente Capítulo buscaremos integrar os estudos, agora em caráter final, de dimensão interpretativa, empreendidos na direção de caracterizar as possíveis contribuições de coordenadas didáticas e referenciais para a apropriação do Psicodrama no campo das atividades esportivas, notadamente na área do Futebol. Buscaremos relacionar a Psicologia, com sua rica tradição histórica e epistemológica, com as necessidades e desafios observados no tratamento de crianças e jovens na formação e no desempenho de atividades desportivas. O primeiro universo a ser considerado, como já buscamos argumentar, tem sido nossa própria atividade como atleta profissional de futebol, por mais de uma década, hoje assumida como professor de Educação Física em um colégio de Ensino Médio e em duas Faculdades de Educação Física.

3.1 A Psicologia do Esporte e suas potencialidades.

Trata-se de uma área especializada dentre muitos campos temáticos que compõem a Psicologia. Busca debater a questão da vida plena dos atletas, sua formação, seus valores, suas motivações, seus conflitos, suas as percepções e seus desejos. A Psicologia do Esporte demonstra que não se trata somente de analisar o desempenho físico dos atletas, mas sim de compreender a integralidade dos aspectos físico-biológicos, socioculturais e subjetivos. Trata-se de recuperar dialeticamente a dimensão corpo e mente, corpo e espírito, imanência e transcendência.

A Psicologia do Esporte buscará decifrar as inseguranças, as cobranças, a crise de autoestima, a vida estressante, a impessoalidade da fama, as ansiedades, o descontrole, as

agressões e a somatização, as catarses e o desequilíbrio emocional, a exposição midiática, as situações de lesão e de doenças, as repercussões das derrotas, entre outros. Esta forma de abordar a Psicologia buscará ainda desenvolver as qualidades éticas, o equilíbrio emocional, as potencialidades criativas, o desempenho racional, a habilidade de raciocínio, a capacidade de superação das pressões, o controle e o aumento de concentração.

As dimensões dessa atuação são: no campo educacional, no campo da pesquisa e na dimensão clínica. Nessa última dimensão o profissional que atua na Psicologia do Esporte, sendo necessariamente um Psicólogo, será capaz de diagnosticar e de tratar as psicopatias emergentes na dinâmica da vida desportiva, interpretar testes, integrar as dimensões da vida profissional com a família, saber lidar com a fama, assumir e superar as derrotas, driblar as cobranças, fugir da adulação da torcida e assimilar a rejeição, bem como usufruir com serenidade da carreira atlética, que é curta e intensa, preparando-se para a constante mobilidade, sabendo administrar afetivamente a questão dos relacionamentos, a própria sexualidade e seus patrimônios, entre outras tarefas. Mais do que dedicar-se à formação estreita de atletas, a Psicologia do Esporte tem como objetivo formar pessoas melhores.

Ao mesmo tempo de constituição da área da Psicologia do esporte vimos firmar-se, no campo da Educação e das Ciências Humanas, uma promissora área denominada Pedagogia do Esporte. Esta área vincula-se à Pedagogia e às Ciências da Educação e busca analisar o fenômeno esportivo como dimensão ou extensão do fenômeno educacional. Há muitos estudos e pesquisas que vinculam dois grandes eixos, tanto a reflexão sobre o Ensino e Aprendizagem de Esportes na Escola quanto a integração dos conteúdos educacionais e pedagógicos no campo das disputas e das agremiações desportivas.

Sabemos que não se pode pensar a apropriação e defender o manejo de técnicas e de instrumentos próprios do Psicodrama e do Sociodrama no campo do Esporte sem a consequente mediação de um *profissional especializado* nessas áreas científicas e em seus instrumentos operacionais e didáticos. Não estamos aqui alheios a esta questão. O que nos move é a intenção de desenvolver grandes coordenadas que possam facilitar o esclarecimento e a identificação de conflitos, pessoais e grupais, no campo esportivo. As demais etapas, que necessitarão de formação específica ou especializada na área da Psicologia e da Educação podem ser pensadas adiante.

A intenção de efetuar a justa compreensão do Psicodrama ou do Sociodrama de Moreno elevou a nossa primeira noção dos recursos da Psicologia para a profunda investigação das causas e das motivações do comportamento humano, tanto para o encaminhamento de leituras e de resoluções de inúmeros conflitos, envolvendo essa realidade

na dimensão da prática social do Futebol. Embora o Sociodrama terapêutico ou Psicodrama tenham sido criados como técnicas grupais ou coletivas por Levy Moreno, exige-se da aplicação e do criterioso manuseio dessas técnicas uma determinada e rigorosa formação psicológica e social.

Na dinâmica do desporto essa *habilidade ou habilitação psicológica* não é facilmente encontrada. Embora hoje os treinadores de futebol e alguns profissionais de base que chegam a compor a equipe dirigente dos clubes apresentem uma elevada formação, com relação ao passado, ainda assim a formação superior, de natureza universitária e pós-graduada é rara e distinta. No entanto, já se encontram nas divisões de base alguns profissionais atuando com alguma formação pedagógica. Raramente há profissionais com aporte na Psicologia e na Antropologia. Embora não seja ainda suficiente, é possível vislumbrar que os conteúdos da Psicologia já se encontram integrados à dinâmica da gestão e da coordenação do desempenho esportivo hoje, ao menos pela presença do conteúdo de Psicologia do Esporte presente nos currículos dos cursos de Educação Física, nos últimos 20 anos. Essa formação não é ainda especializada e nem abundante, no entanto, já não é tão rara e quase desconhecida como há pouco tempo atrás.

A formação dos treinadores de futebol nos dias de hoje passa pela formação universitária, exige-se em grande parte deles a Licenciatura em Educação Física, além de cursos especializados para treinamento esportivo na área do futebol. Nessas formações encontram-se quase sempre disponíveis os conteúdos curriculares da Psicologia, da Psicologia do Desporto e da Psicologia Educacional. Assim, por força de regulações profissionais, não poderíamos manejar os recursos da Psicologia da Educação ou da Psicologia do Desporto, na dinâmica da vida esportiva, sem uma sólida formação na área.

Em nossa trajetória pessoal e na relativa experiência recente como educadores, tivemos que fazer uma leitura profunda das teorias e práticas que embasam o manejo do Psicodrama e do Sociodrama terapêutico, para escrever essas considerações e fundamentar nossa intervenção nos universos empíricos nos quais atuamos. Ao invés de constituir um grupo propriamente consciente do trabalho terapêutico em totalidade, extraímos algumas coordenadas comportamentais e reflexivas para desencadear, no transcorrer do processo chamado psicoterapêutico esportivo, algumas atitudes educacionais e grupais.

Deste modo, a aplicabilidade das técnicas do Sociodrama não se deu como deveria ser planejada – pela formação do Psicólogo do Esporte - efetuada de maneira profissional ou institucional, manejadas por agentes formados especializadamente no campo da Psicologia do Desporto ou da Psicologia em geral. O que podemos reconhecer é nosso limite na apropriação

metodológica e propedêutica, desencadeamos ações condutoras da chamada técnica sociodramática ou psicodramática, no encaminhamento das dinâmicas de repercussão ou de formação desportivas nas agremiações de futebol. Buscaremos destacar algumas dessas possibilidades:

a) Uma primeira dimensão pode ser identificada no ato mais importante de formação esportiva, o *treinamento*. Os treinos são constantes, recursivos e exigentes, todo o treinamento diário e continuado é carregado de um roteiro de exercícios físicos acompanhado de uma metodologia estimulativa e de uma leitura que definimos como *pré-psicológica*, isto é, *precária, determinista e unilateral*. A tese que prevalece é a de domesticar o *ser biológico*, o corpo ou a corporeidade clivada, ou seja, o volume e a intensidade dos exercícios demandaria o segredo do sucesso esportivo ou grupal. Nessa dialética a abordagem significativa, a orientação psicológica, o acompanhamento estimulativo e a proximidade argumentativa pouco prevalecem; o que se depreende é exatamente a exigência máxima, a cobrança exageradamente forte no sentido de homogeneizar os referenciais e de produzir um comportamento extremamente persuasivo em todas as propostas efetivadas pelo grupo dirigente. O *treinamento* parece ser a primeira grande tensão, a exigência do grupo ou das representações condutoras da atividade esportiva apresenta-se no sentido de extrair do indivíduo e do grupo no qual ele se encontra, o máximo de rentabilidade, o melhor desempenho, sem admitir falhas, sem considerar os medos, os limites e as fragilidades, muito menos os possíveis fracassos ou indisposições, a não ser aqueles de natureza estritamente etiológica ou médica. Será preciso estudar com profundidade a dinâmica do treinamento esportivo diário e contínuo.

b) A dialética fatigante do treinamento carrega os atletas de tensão corporal e psíquica de toda sorte e não há comparativamente um espaço de resolução ou de verbalização dessas tensões, resultando em treinamentos intensos, em cansaço e exaustão corporal e, ao mesmo tempo, em saturação própria da leitura que se faz das vitórias ou embates. Prevalece o discurso condenatório dos eventuais fracassos ou o medo do não-desempenho de algumas atividades esperadas. O treinamento é, portanto, carregado de uma leitura de *culpabilidade* que não se expressa ou não se encaminha na dimensão terapêutica da fala, nesse sentido, entendemos que, a partir de uma determinada sensibilidade de formação, seria possível desencadear no grupo de atletas em processo de treinamento um aporte efetivamente *sociodramático*, de modo que, através das técnicas do Sociodrama pudessem tematizar e teatralizar na inversão ou na mudança de papéis as *relações quase sempre hierarquizadas entre os polos duplos*, treinador e grupo, entre família e grupo, entre sociedade, torcida e

grupo, ou até mesmo dessas relações no modelo individual, atletas *versus* atletas. A primeira grande dimensão de aplicabilidade das técnicas sociodramáticas, a partir de uma convenção plenamente aceita e esclarecida, seria na direção de teatralizar de maneira lúdica, agradável, leve e jocosa, de maneira convincente, as tensões provocadas pela própria cobrança competitiva do processo esportivo do futebol.

c) A segunda grande possibilidade de manejo das técnicas sociodramáticas estaria na significação e catarse da relação *treinador grupo ou treinador atleta*. O treinador dos grupos ou das agremiações de futebol reveste-se de uma quase *sacralidade*, condensa um tipo ou expressa um papel histórico de pleno reconhecimento e de quase que plena autoridade. Geralmente, as relações de poder que envolvem o papel do treinador no grupo, pela diversidade de abundância de atletas a seu dispor, reverte-lhe um poder discricionário quase que absoluto, entre manter, apostar e acreditar em determinado atleta, ou então, de maneira arbitrária, alijá-lo dos processos coletivos, separar, expor, punir, demitir, “mandar embora”. Geralmente, o treinador é visto como um definidor de quem joga, de quem participa do pleito e de quem efetivamente terá as oportunidades na carreira esportiva. Hoje ainda, é curioso que o treinador seja chamado pelo nome de *Professor*, pelos atletas. Essa denominação recente reveste o treinador com a sacralidade representativa da figura do Professor, como aquele que sabe tudo e, a partir do seu saber, infere as relações de poder, na mesma proporção e alcance. Na relação dos treinadores com os atletas e com os grupos esportivos há uma dinâmica toda carregada de simbologia. Destaca-se a dinâmica da *Preleção*, o discurso do treinador e de seus auxiliares no acontecimento esportivo. A preleção que precede os treinamentos, a preleção que precede as partidas de futebol, a preleção corretiva entre um tempo e outro da partida de futebol e, quase sempre, as preleções avaliativas dos resultados dos jogos ou as preleções de planejamento da dinâmica do certame alternam-se com as preleções da orientação ou reorientação das condutas coletivas, pessoais ou singulares. Esse poder de falar e de, a partir da fala, criar mecanismos motivacionais ou ainda, de identificar possíveis conflitos e de encaminhar possíveis resoluções não é, a nosso ver, plenamente acompanhado pela leitura moreniana da condição humana e da própria dinâmica grupal. Muitas dessas preleções mereceriam ser melhor preparadas, receber uma análise mais acurada de sua potencialidade educativa e formativa. Ao contrário, dá-se ali a repetição de um discurso comum, quase que vazio, exaltando a força, a virilidade, vitória a qualquer preço e condição, uma suposta concepção de lealdade, destacando-se a missão de vencer, exaltando a dinâmica especializada daquele clube ou daquele grupo. A plateia reage com palavras de ordem e de motivação com todos os contornos próprios da cultura patriarcal atual, palavras como

guerreiro, lealdade, vencer e ganhar, são as mais recorrentes, acompanhadas de recomendações de não desanimar, de perseverar, de vencer a qualquer preço, destacando que *é a nossa hora*; são essas e outras expressões que coordenam esse processo chamado preletivo ou relacional. Não há nesses espaços, ainda que de maneira acidental, uma abertura para o reconhecimento dos limites, para a dinâmica da dimensão coletiva ou da dialética humana, que tanto pode vencer quanto pode perder, salvo em melhores grupos e melhores treinadores. A tipologia da preleção quase sempre é uma conjunção de palavras motivacionais, de condutas inspiradoras, à semelhança das preleções que precediam as batalhas bélicas no mundo antigo e medieval, quase sempre buscavam atingir uma identidade no grupo e nos militantes para criar condições para o enfrentamento da vida e da morte na disposição que se abria naquela ocasião.

d) Além das relações de *treinamento*, além da *preleção*, da hierarquia extremada entre *atletas e treinador*, entre *atletas e equipe dirigente*, há ainda a chamada *conduta institucional gregária*, isto é, o sentimento de pertencimento ao grupo, que se configura como uma *terceira* grande possibilidade de compreensão das chamadas metodologias sociodramáticas ou psicodramáticas a serem trabalhadas. Pertencer a um determinado grupo, estar em uma orgânica realidade coletiva talvez seja uma das mais potenciais ações e criações analíticas de Jacob Levy Moreno.

Moreno, pelo seu trabalho teórico e prático, viria a alterar a dinâmica da fundamentação terapêutica da Psicologia que, até sua atuação e sua produção, era estritamente individualista ou individualizada. A partir da abordagem formulada por Moreno a Psicologia passaria a trabalhar a psicoterapia de grupo, ampliando o recorte e o horizonte terapêutico não somente restrito à esfera individual, mas agora voltada para a consideração do grupo, para a sociabilidade plena reconhecida como característica essencialmente humana. Abria-se a Psicologia para a dimensão do coletivo e para a consideração da comunidade.

O futebol, como esporte coletivo e de alto rendimento, deveria ampliar muito mais o caráter coletivo e grupal da sua identidade e de sua atuação. O que prevalece, quase sempre, é uma leitura comum das potencialidades individuais na congregação do grupo, mas não se destaca o caráter coletivo do esporte. A ideia que prevalece é de talentos individuais numa somatória coletiva. Não há a cultura de subsumir o talento individual à dinâmica do coletivo.

Recentemente presenciamos um debate no qual alguns destacados treinadores de futebol abordavam a dialética das competições e o papel do treinador. Um jovem treinador de futebol, Fernando Diniz, fez uma nova leitura desse procedimento, para esse treinador o time da Espanha, que congrega jogadores de alto nível, teria sido o time que melhor fez prevalecer

o caráter coletivo do futebol. Para ele, no futebol espanhol não há grandes *virtuosos* ou atletas geniais do futebol, há sim, grandes jogadores, mas que, pelo caráter coletivo que prevalece naquela cultura futebolística, tais atletas passaram a apresentar muito mais afinidade na direção do desempenho do time como um todo do que efetivamente reconhecerem-se como *estrelas solitárias* ou individuais.

Nesse sentido, o treinamento, a preleção, o pertencimento ao grupo são três dimensões possíveis de serem trabalhadas na perspectiva Moreniana. Ali, no gramado das tensões e dos conflitos esportivos reais, poder-se-ia com alguma autoridade identificar o protagonista, identificar os egos-auxiliares, compreender o papel da plateia e trabalhar a primeira identidade, inversão de papéis e, ao final, constituir o *reconhecimento de si* e o *reconhecimento do outro* na dinâmica do grupo e de suas finalidades esportivas, culturais, sociais e antropológicas.

Há muitos outros aspectos e diversas situações, vividas na dinâmica do atleta de futebol, seja em sua formação seja ainda na sua profissionalização, que poderiam ser elencadas para uma melhor reflexão e até para um tratamento terapêutico, se for necessário.

Vamos apresentar aqui algumas dessas situações potenciais, para melhor entendimento e para um possível acompanhamento moreniano, em situações reais de educação afetiva e de encaminhamento ou aconselhamento psicológico na esfera da vida esportiva.

Buscaremos elencar algumas situações vivenciadas, a título elucidativo e indicativo, não buscando aqui um tratamento estritamente clínico ou psicanalítico desses conflitos ou dessas dimensões.

a) a vocação, a origem social e a concepção mágica do talento:

No mundo do futebol prevalece uma identidade social estigmatizada dos praticantes do futebol. Embora tenha nascido, como esporte coletivo, em círculos aristocráticos ingleses, rapidamente o Futebol foi sendo proletarizado, seja pelas facilidades de suas regras, seja pela acessibilidade de seus instrumentos (uma bola, um campo, as traves e algumas demarcações), seja ainda pelo caráter popular de seus resultados, da euforia de suas vitórias e do conagraçamento de seus símbolos. No Brasil a trajetória do futebol não foi diferente: dos clubes ricos do centro de São Paulo e do Rio de Janeiro para as “peladas” da várzea, da periferia e das favelas urbanas. Ainda hoje o futebol parece revelar um nicho identitário com as periferias suburbanas. Muitos jogadores e muitas estrelas internacionais de Futebol vieram mesmo das periferias mais empobrecidas, no Brasil principalmente. Essa realidade precisaria ser trabalhada de maneira consciente e crítica. Na verdade não é assim

que se faz a leitura. Uma primeira identidade é de cultivar o *vitimismo* da situação e não consiste em efetuar uma leitura das causas dessa realidade de pobreza e de marginalização social. Os atletas, quando alcançam certa notoriedade, querem “comprar uma casa”, retirar seus pais (frequentemente emerge a figura da mãe) daquele lugar. Para logo mais ostentar uma casa elegante, uma mansão, carregada de símbolos de poder econômico (piscina, campos particulares, saunas, cozinhas e salas exóticas) – numa alteração de cenários de uma pobreza simbólica ainda maior. Em nossa compreensão essas questões precisariam ser encaminhadas com uma formação cultural e sociológica adequada. A denominada vocação, ou seja, o reconhecimento de um determinado talento para jogar futebol, nesse caso, parece ser uma contrapartida da miséria, do abandono social das cidades e das famílias. A leitura da vitória social e profissional, quando acontece, não é socialmente percebida, é lida como uma vitória individual e supostamente meritocrática.

b) a consciência corporal, o talento e a saúde:

Prevalece a concepção de uma vocação mágica e de um talento inato para o futebol. Como é comum acontecer essa consciência acaba por ser uma consciência alienada de si, de seu corpo e de sua situação. Atletas franzinos, com uma formação nutricional precária, enterram possibilidades de desenvolvimento corporal pela ausência de uma formação biossocial e médica adequada. Não há uma compreensão estrutural de desenvolvimento de práticas de saúde nas famílias e mesmo nos clubes ou divisões de bases de clubes, aqueles que ainda mantêm esses órgãos de recrutamento. Há uma dissociação entre as práticas esportivas, o talento ou as habilidades e as práticas de saúde. Em conversas e em situações de teatralização da vida esportiva seria possível montar algumas representações que viessem a dar visibilidade para essas carências estruturais.

c) as dinâmicas de recrutamento e o vínculo:

Os atletas-mirins que buscam jogar futebol sonham com os clubes que aparecem nas televisões e nos espetáculos dominicais de Futebol. Todos desejam começar pelo alto, querem logo estar num clube de destaque. Essa aspiração não é questionada, permanece como uma disposição mágica. Pensam - eu continuarei a jogar, pois em algum momento de minha vida um olheiro dos grandes clubes irá me observar e “descobrirá” minhas habilidades, revelando ao mundo os meus talentos – sonham os futuros craques! Como esse pensamento encontra-se difundido entre as famílias e entre a cultura geral do país, nada se faz para adequá-la e superá-la. Não há formas racionais de avaliação, lugares especializados e escalas científicas de categorização e de seleção de atletas ou possíveis atletas, nem nas escolas, nem nos clubes, nem nas academias. Encontrar bons jogadores ainda permanece como uma

heurística de talentos, uma prática artesanal de olheiros e uma determinação mágica ou divina. Todas as crianças querem estar num clube, ostentar seus símbolos, exibir vínculos com os campeões. A questão dos vínculos precisaria bem encaminhada pelos gestores esportivos, sobretudo nas divisões de base, para gerar as condições de segurança afetiva para o desenvolvimento dos atletas em formação. Não se trata de pressa nem de precariedade, a formação de um atleta tem que ter serenidade, temporalidade e desenvolvimento planejado nos clubes. Uma gestão desportiva que entenda a formação de atletas sobre uma concepção humanista, científica e psicologicamente elevada teria que levar em conta essas coordenadas.

d) a permanência numa Escolinha de Futebol:

Há diferentes escolas e escolinhas de futebol. Hoje elas estão em todos os bairros e apresentam-se conveniadas com clubes do Brasil e do Exterior. Vez ou outra algumas escolas exibem aqui e acolá um jogador famoso em suas dependências e em seus quadros. O fato é que a permanência das crianças nas escolas de futebol ainda precisaria de planejamento, motivação e organização afetiva e emocional adequada. As crianças precisariam ser despertadas para a convivência com seus pares, para a justeza das competições e para o usufruto alegre e criativo do espaço e não somente como trampolim para a profissionalização. Entender as Escolas de Futebol com aspectos educacionais e pedagógicos poderia ser uma das saídas. Não são somente arenas geográficas, são unidades educacionais de atletas.

e) o sonho alienado da carreira promissora:

A projeção alienada que prevalece na sociedade toma conta da cabeça e da identidade da criança que se destaca no futebol. Paulatinamente os pais, o treinador, os atravessadores, os conhecidos começam a sonhar com uma carreira de milhões de euros e de dólares, recheada de carrões de luxo, helicópteros, festas magistras e riqueza sem tamanho. São essas as compensações do talento, o destino do drible fantástico e dos gols de placa. Sociologicamente é possível identificar os raríssimos atletas que galgam essa visibilidade fantasiosa, que hoje encanta a todos. A necessidade de compreender um futuro profissional do jogador de futebol, pautado em índices sociológicos e em remunerações profissionais racionais é um dos pontos a serem desenvolvidos em programas de gestão esportiva.

f) as lesões, contusões e a precariedade da compreensão do corpo:

Por ser uma prática de repetição e de exigência motora a vida prática do jogador do futebol é recheado de lesões, de contusões, de fraturas, de machucaduras e de constantes cuidados médicos e cirúrgicos. Embora haja recentemente uma rede de atendimento, ainda que precária, e muitas dessas lesões e contusões podem ser muito mais sérias, em vista da ansiedade dos atletas e dos clubes para estar prontos novamente, quanto pela própria dinâmica

de crescimento e de formação corporal dos atletas, geralmente em sua constituição física precária. Não há uma consciência corporal esclarecida, o que poderia evitar muitas dessas exposições e exigências corporais descabidas.

g) as estruturas formativas dos clubes, precárias e insuficientes:

Um olhar para as condições materiais dos clubes, pois as condições objetivas determinam nossas condições pessoais e subjetivas, seria de fundamental importância para as estruturas formativas. Um gestor desportivo deveria desenvolver uma maior sensibilidade para com essas instalações e seus funcionamentos. Geralmente os alojamentos são precários, os refeitórios e locais de convivência impessoais e deseducativos. Geralmente concebidos como espaços de alojamento sob a perspectiva do confinamento, parecem espaços de pouquíssima privacidade e de controle ou vigilância social e institucional. Uma nova arquitetura desses espaços formativos somente poderia advir de uma nova e educativa concepção de gestão desportiva, sustentada sobre uma nova compreensão dos itinerários formativos no futebol.

h) a desintegração da vida escolar:

A prática de formação de atletas de futebol ocorre, na grande maioria, no período de idade escolar básica das crianças. Essa realidade é de fundamental importância no presente estudo. Embora a frequência à educação básica seja obrigatória, pelas leis e dispositivos jurídicos atuais do Brasil, esta realidade e esta regularidade não é plenamente observada nas instâncias de formação de jogadores de futebol. Não que seja nominalmente negada, pelo contrário, os mediadores da formação, os assistentes, os técnicos de base, geralmente tecem discursos e predicas exaltando a necessidade e o dever de frequentar a escola. Mas a dinâmica dos jogos e das competições, dos treinos e dos deslocamentos, via de regra, negam absolutamente esta profissão de defesa da escolaridade. Dando maior importância aos jogos e aos exigentes procedimentos do mundo do futebol os atletas deixam a escolaridade de lado, se continuam vinculadas geralmente fazem o mínimo do mínimo, são geralmente acobertados por escolas que acedem a essa precária formação, com frequências compensadas e trabalhos suplementares. O fato é que os atletas não desenvolvem uma frequência e uma formação escolar orgânica e eficiente. Uma gestão desportiva emancipatória teria que zelar criteriosamente pelo desempenho e pela frequência plena dos atletas na Escola, de modo a garantir a plenitude da experiência educacional e escolar, sem nenhum prejuízo, conciliando com as dinâmicas da vida e da formação desportiva.

i) a ansiedade e o controle das emoções:

A Psicologia nos ajuda a trabalhar as emoções. Nossa subjetividade tem que ser educada, precisamos de uma educação afetiva para fundamentar uma ética e uma estética da nossa existência. Os atletas em formação quase sempre revelam uma imaturidade e uma instabilidade emocional. Premidos pela ausência da vida familiar, pressionados por práticas competitivas e repressivas, cobrados pelos técnicos e pelas forças sociais, quase sempre esses atletas desenvolvem uma auto cobrança ainda maior, gerando uma autoestima baixa ou algum grau de alienação afetiva, com a constatação de efetivas psicopatologias. Esse aspecto deveria ser melhor estudado por especialistas, o que daria uma pesquisa de natureza exemplar para o mundo do futebol, mas a constatação dessa imaturidade emocional deveria ocupar grande parte dos planejamentos de formação da gestão desportiva emancipatória e humanista. O caso mais trágico dessa representação consiste no macabro episódio envolvendo o goleiro Bruno, atleta profissional do Flamengo Futebol Clube que foi acusado de matar e ocultar o corpo de sua ex-namorada. Esse episódio revelou a formação doentia que pode acometer a vida dos jogadores de futebol e permitiu realizar uma leitura de sua instabilidade emocional e psíquica. Essa instabilidade deveria ser trabalhada pelo Psicodrama e Sociodrama em mediações terapêuticas e reflexivas de autoconhecimento e de desenvolvimento de uma consciência esclarecida de si e dos outros. Uma das mais patentes contradições que presenciamos em nossa vida esportiva está exatamente na consideração dessa realidade: alguns gigantes atletas, considerados estrelas e exemplos de sucesso, na vida pessoal revelam-se afetivamente subdesenvolvidos e ostentam traços psicopatológicos que demandariam cuidados e medidas educacionais e socioterapêuticas. Essa formação afetiva e sócio-emocional envolve prioritariamente a compreensão humanista da Sexualidade. Coincidente com o desenvolvimento dos atletas apresenta-se igualmente a necessidade de uma compreensão humanista e pedagógica de sua sexualidade. Há muitos casos de abusos sexuais, de práticas sexuais exploratórias de diferentes intencionalidades, os atletas geralmente são assediados por uma sociedade permissiva e consumista, e não conseguem desenvolver uma compreensão ética dessa realidade. Acabam sendo envolvidos nessa dinâmica e não apresentam uma educação afetiva e uma ética sexual emancipatória e responsável.

j) a liderança e o mandonismo: relações de submissão e rebeldia:

As relações de poder ocupam a nossa vida. Na família, a unidade parental básica, deveríamos receber as primeiras dimensões morais de nossa existência, no convívio com nossos pais e irmãos. Vivemos hoje uma profunda mudança das relações familiares, há novos ensaios de vivências familiares no mundo todo, decorrente de novas coordenadas para o

trabalho e a vida urbana de nosso tempo. Assim, muitos atletas revelam uma imaturidade política e ética. Os valores que parecem prevalecer na vida esportiva são de mando e de obediência, de controle e vigilância, de submissão e negatividade. As relações que se estabelecem no campo esportivo parecem ser as mesmas que prevalecem na sociedade de senhores e de escravos, de cima para baixo, longe de serem relações de contiguidade, de diálogo e de coletividade. O esporte mais coletivo, seu jogo demanda a existência de dois times de 11 atletas parece ser o mais individualista. Os treinadores são verdadeiros chefes, líderes com poder quase absoluto, suas determinações e suas palavras, suas decisões são incontestáveis e indiscutíveis. Prevalece esse modelo de representação de autoridade na dinâmica do futebol. Um programa de gestão desportiva, sustentado sobre concepções e premissas políticas de igualdade, de autonomia e de liberdade terá que superar os estigmas de uma sociedade autoritária, militarista e escravista, para uma sociedade circular e dialógica, que se estabelece sobre a concepção de direitos e de sujeitos civis e políticos. Os comportamentos de rebeldia e de intransigência no mundo do futebol decorrem dessas considerações de pobreza política e de submissão permanente.

k) a formação ética e moral do atleta: uma lacuna substituída pela religião:

Tem sido muito frequente a observação dos atletas de futebol em situações comportamentais de oração nos campos de competição. Alguns, a maioria, de formação evangélica, são denominados como “varões”, um termo antigo aludindo a aqueles que expressam seus credos religiosos. Há ainda alguns atletas que revelam superstições e simpatias, outros expressam práticas animistas de raízes africanas e indígenas, enfim, há toda uma coreografia de religião e de magia envolvendo os resultados das partidas, as proteções, os desejos, as promessas e os votos transcendentais. Não são somente os jogadores, muitos técnicos, geralmente ex-jogadores, revelam a mesma dinâmica de religiosidade popular. Isto não é questionado, há o preceito constitucional de liberdade religiosa em nosso país. O que pretendemos ressaltar é a necessidade de empreender uma formação ética e moral junto com essa consciência religiosa basilar. O conhecimento de preceitos de natureza moral e a construção do respeito à diversidade, à tolerância ética e religiosa poderia ser um bom começo para tanto.

l) dilemas estéticos e culturais:

Ressalta-se ainda um dilema central: as questões estéticas e culturais. Ora, os atletas de sucesso tornam-se modelos de conduta para tantos jovens, crianças e adolescentes, sobretudo na sociedade em que vivemos, de facilidade de exibição, nas redes sociais, nas imagens e tipologias de comunicação atuais. Geralmente os atletas revelam uma baixa

qualidade cultural, com uma compreensão restrita da linguagem, dos fenômenos culturais mundiais, das culturas e dos campos de elevação estética da realidade humana. A gestão desportiva sustentada sobre uma compreensão humanista e elevada da cultura humana haveria de preocupar-se com a formação cultural e social de seus atletas e de seus representantes esportivos.

Enfim, chegamos ao final de uma criteriosa apresentação das condições e das realidades de vivência, de convivência e de formação dos atletas na esfera do mundo do Futebol. Nosso olhar, em todas estas situações, não foi de um julgamento condenatório nem de uma culpabilização institucional ou social. Buscamos revelar as nossas preocupações, os pontos de destaques em que se expressam nossas maiores dificuldades de compreender o mundo do esporte, de elucidar as difíceis condições dos itinerários formativos dos atletas, para alinhar junto a eles as possibilidades de encaminhamento, de aconselhamento e de esclarecimentos de tais realidades e conflitos. Queremos expressar nossa convicção que a formação básica em Psicologia e os desafios da Psicologia do Esporte já nos lançam promissoras esperanças. Há em muitos clubes a presença do Psicólogo, com relevantes trabalhos de acompanhamento clínico e institucional da vida e do desenvolvimento dos atletas nas diversas situações de atuação dos clubes.

No entanto, para a singularidade de nossa consideração atual, como já expressamos em outros momentos desta dissertação, a formação e a compreensão das mediações terapêuticas de Jacob Levy Moreno, aplicadas à leitura das situações vivenciais dos atletas e das crianças e jovens em formação no mundo do futebol, comprova-se como uma prática terapêutica de elevada importância, por ajudar a desenvolver a consciência de si e a ter uma dinâmica forma de trabalhar os conflitos advindos das contrapostas situações de vida dessa modalidade de prática social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando uma partida de futebol chega próxima de sua finalização temos geralmente vivenciado duas atitudes, contraditórias entre si: por um lado, se estivermos na vantagem no placar, vencendo o adversário, esperamos com relativa segurança o apito final para celebrar a vitória, para abraçar os companheiros, para saudar a torcida e comemorar juntos a conquista empreendida; mas quando estamos perdendo o jogo os minutos finais são desesperadores, queremos parar o tempo, pedimos minutos de acréscimos na esperança de igualar o placar ou na convicção de que ainda conseguiremos reverter o resultado inóspito. Muitas vezes os jogos acabam empatados e esses sentimentos se dispersam. Mas há situações em que nos surpreendemos até mesmo com nós próprios, nessas situações podemos perder o jogo que continuamos com uma sensação de ter feito o melhor de nós, sentimos uma atmosfera psíquica de dignidade e de dever cumprido. Essas sensações marcaram muitas de nossas disputadas partidas de futebol. Temos delas lembranças agradáveis e duradouras.

Com relação a esta pesquisa de Mestrado consideramos que estamos nos minutos finais dessa partida de muitos lances, de muitas *defesas* difíceis e de alguns *ataques* exitosos, de ponderações no meio do campo, de condução da bola da investigação para todas as dimensões desse gramado epistemológico e político, que é o ofício de pesquisar e de interpretar as coordenadas da vida esportiva. Nossa sensação é de ter cumprido com dignidade nosso papel e de ter empreendido uma partida memorável, dessas que ficarão para sempre em nossa memória afetiva e profissional. Há momentos que a dialética da partida transcende o resultado final, ela vale por si mesma, pela dinâmica de jogar e superar-se. Essa é a sensação que nos toma neste momento, o que sentimos, ao final desse percurso, é uma gratificante experimentação ontológica que supera os resultados de vitória ou de derrota. O que vivenciamos nesse jogo investigativo incorporou-se definitivamente, em nossa identidade pessoal e em nossa prática educativa como Professor de Educação Física, como Coordenador de Esportes e como Treinador, nas poucas e densas experiências que temos buscado amearhar para nossa biografia. Estamos com nosso corpo e com nossa alma cheia de alegria, nesta integração que julgamos viver em nossa dinâmica de vida e de formação permanente e continuada.

As perguntas que nos levaram a este estudo pareciam inicialmente muito complexas: *quais seriam as possíveis contribuições da Psicologia de Jacob Levy Moreno para o encaminhamento, para o esclarecimento e para a resolução de situações de conflitos*

na dinâmica da vida e da formação desportiva? Junto a estas questões alinhavamos outras: como seria possível sonhar uma gestão desportiva sustentada por práticas humanistas, por procedimentos psicologicamente corretos, no encaminhamento, na formação e no aconselhamento de situações de estresse e de conflitos oriundos da dinâmica do mundo do futebol?

Com essas duas coordenadas fomos levados ao campo da pesquisa bibliográfica e empreendemos, em nossa memória de vida, uma exigente *anamnese* crítica, perscrutando nos longos 12 anos de vida como atleta profissional e nos demais 08 anos de presença e de atuação em clubes e escolas de formação de jogadores o que seria possível resgatar para empreender essa interpretação paradigmática. Essas duas fontes, os estudos já registrados nos poucos livros que abordam essa questão – a formação desportiva e sua dinâmica – e a gestão desportiva humanista e democrática foram completados com nossa própria memória e nossa consequente autocrítica, ainda não plenamente esclarecida, de nossa experiência pessoal e profissional no Futebol, desde os primeiros chutes na Escolinha de Futebol de Barão Geraldo até disputar a final da Copa Sendai, no Japão, com a camisa da Seleção Brasileira, logrando marcar um gol da vitória do Brasil sobre a Croácia naquele certame. Essas duas coordenadas, somadas de outras tantas, permeiam nossa ser, nossa identidade, nossa vida pessoal e profissional. E são elas que sustentam nossas esperanças.

Fomos estudar as matrizes da Psicologia, como uma Ciência pluralista e complexa e, dentro dela, buscamos entender e extrair as possíveis contribuições de Jacob Levy Moreno, tentando encontrar na totalidade de sua metodologia e de seus estudos, com as devidas atualizações e releituras, algumas categorias e possíveis mediações para entender a dinâmica da vida emocional e afetiva dos atletas em formação, entre os quais a nossa própria vida e trajetória. Descobrimos uma brilhante matriz teórica e reconhecemos as dificuldades de estabelecer os canais e pontes que tencionávamos construir. Mas, nos limites de nossa intencionalidade, empreendemos uma interpretação criteriosa dos principais conflitos e das mais presentes situações que envolvem a vida dos atletas e as características proeminentes dos processos formativos de atletas de futebol. Conseguimos vislumbrar um campo exuberante de possibilidades. Em nossa atual fase de desenvolvimento profissional, como Coordenador de Esportes em escolas de Educação Básica e como Professor de Educação Física no Ensino Superior esta descoberta deu alento e fortalecimento, teórico e prático. Temos clareza de que a Psicologia de Jacob Levy Moreno, pelas suas características inovadoras, de acrescentar o Teatro, a representação coletiva, a dinâmica da Arte e da Cultura na compreensão, no esclarecimento e na superação dos conflitos humanos tem ainda muitíssimas possibilidades de

elucidar diferentes plataformas de formação educacional e profissional, como foi o caso de nossa pesquisa.

Tivemos clareza de constatar que a Psicologia do Esporte, uma especializada área da Psicologia Aplicada, reúne estudos e pesquisas, concentra metodologias e instrumentos, clínicos ou de aconselhamento, em diferentes modalidades esportivas, no mundo contemporâneo. Esta constatação nos ajudou a esclarecer que nosso intento maior, no presente estudo, que ora apresentamos, não se reveste de um caráter clínico ou rigidamente profissional. Sabemos que, para atuar nas modalidades esportivas, com a dinâmica clínica, há necessidade de formação psicológica profissional e do reconhecimento de chancela da categoria profissional própria. Nossa pesquisa nos deu a clareza da dimensão *educacional* de nossa atuação. Trata-se de uma dimensão *acadêmica e educacional*. Aludimos aqui aos estudos de Psicologia da Educação e com tais referenciais buscamos compreender os processos de formação dos atletas nos clubes de futebol e, por conseguinte, buscamos interpretar os principais conflitos de natureza educacional da vida e do desenvolvimento psicossocial desses sujeitos. Novamente reconhecemos que nossa pesquisa é acadêmica, de natureza qualitativa, com um acento educacional.

Por fim, entendemos que as mediações culturais e terapêuticas advindas da obra de Jacob Levy Moreno fazem de seu trabalho uma ferramenta universal, a serviço da vida, da alegria de viver, tantas vezes destacada pelo próprio Moreno. Isso foi o que sentimos nas situações empíricas que logramos realizar nos universos de investigação que empreendemos preliminarmente. Em função das dificuldades operacionais e institucionais, de acordo com os protocolos regulares, abrimos mão da pesquisa empírica, o pequeno aporte de campo, que tinha sido nossa inspiração inicial no projeto de pesquisa. Isso, contudo, não fez diminuir a pesquisa, pois lançamos mão de compensação analítica bibliográfica e da expansão interpretativa com nossa própria *anmnese* ou memorial.

Nessa trilha interpretativa chegamos ao final dessa partida, esperamos o intrépido apito que dará fim a esta etapa. Mas, se este jogo está por findar, o campeonato ainda reserva outros enfrentamentos, outros jogos, outras esferas em novas e desafiantes modalidades de disputa, de embates e de peleias. Temos convicções de que não esgotamos esse desafiante assunto nem finalizamos o campeonato. Esperamos que novos jogadores entrem no campo epistemológico e temático que atuamos para esticar os horizontes e ampliar os placares. A relação entre a Educação e os jogos é longa e vigorosa, desde as palestras do pedotriba e as arestas dos pedagogos da Grécia Antiga, até os nossos dias. Estamos assumindo, com muita humildade e muita vontade, nosso lugar no campo dos enfrentamentos. Buscaremos jogar ao

lado da virtude e do esclarecimento, para fazer da ciência e da educação os baluartes da vida humana, coletiva e singular.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Castelo. **Psicoterapia Aberta: o método do psicodrama, a fenomenologia e a psicanálise**. Editora Ágora, São Paulo, 2006.
- ARANTES, Valério José. **Magia Psicodramática: nascer, viver e morrer**. Hortográfica Editora, Hortolândia, 2007.
- _____. **A Ética na Psicologia: Psicodrama**. Anais do I POIETHOS (Simpósio Nacional de Política, Ética e Educação), Campinas, 2008.
- BAYER, Carlos. **O ensino dos desportos colectivos**. Editora Dinalivro, Lisboa, 1994.
- BARBIERI, C.A.S. **Esporte educacional: uma possibilidade para a restauração do humano no homem**. Editora da ULBRA, Canoas, 2001.
- BARBANTI, V. J. et alii (org) **Esporte e Atividade Física: interação entre rendimento e qualidade de vida**. Editora Manole, São Paulo, 2002.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. 2ª Edição Editora Unijuí, Ijuí, Rio Grande do Sul, 2003.
- BOLSONI, Leandro. **Psicologia, Gestão e Educação**. Letras Livres, Campinas, 2012.
- CÓSSIO, M. de F. **Gestão educacional e reinvenção da democracia: questões sobre regulação e emancipação**. Revista Brasileira de Política e Administração da Educação. Brasília, v.26, n.2, mai/ago, 2010
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- FAZENDA, I. (org) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 3º ed, São Paulo: Cortez, 1994.
- FREIRE, J.B. **Pedagogia do Futebol**. Editora Autores Associados, Campinas, 2003.
- FREUD, Sigmund. **Mal Estar na Civilização**. Edições Imago, Rio de Janeiro, 2006.
- HADDAD, Jane. **Epistemologia da Pesquisa em Educação sobre limites e disciplina escolar**. Dissertação de Mestrado. Universidade Tuiti, Curitiba, 2013.
- JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da Personalidade**. Editora Vozes, Petrópolis, 1983.
- KLEIN, Melanie. **Vida Emocional dos Civilizados**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.
- KROGER, C. & ROTH, K. **Escola da Bola: Um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. Editora Phorte, São Paulo, 2002.
- MARINEAU, René. **Jacob Levy Moreno (1889-1974) pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo**. Editora Ágora, São Paulo, 1992.
- MARTIN, Eugênio. **Psicologia do Encontro: J. L. Moreno**. Editora Ágora, São Paulo, 1996.

- MONTAGNER, Paulo Cesar. **Intervenções pedagógicas no esporte: práticas e experiências.** Phorte Editora, São Paulo, 2011.
- MORENO, Jacob Levy. **As Palavras do Pai.** Editorial Psy, Campinas, 1992.
- _____. **Fundamentos do Psicodrama.** Summus Editorial, São Paulo, 1993.
- _____. **Hipnodrama e Psicodrama.** Summus Editorial, São Paulo, 1984.
- _____. **J. L. Moreno: Autobiografia.** Editora Saraiva, São Paulo, 1996.
- _____. **Quem Sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, da Psicoterapia de Grupo e do Sociodrama.** Edição de Estudante, Daimon. São Paulo, 2008.
- _____. **Psicodrama.** Editora Cultrix, São Paulo, 1997.
- _____. **Psicodrama: terapia de ação e princípios da prática.** Editora Daimon, São Paulo, 2008.
- _____. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.** Editora Mestre Jou, São Paulo, 1973.
- _____. **Teatro da Espontaneidade.** Summus Editorial, São Paulo, 1984.
- NUNES, César A. **Educar para a Emancipação.** Editora Sophos, Florianópolis, 2003.
- _____. **A questão do Método.** Mimeo, Campinas, 2007.
- NUNES, Célia Maria. **As possibilidades da mediação do Psicodrama como leitura política da exclusão social nos grupos de Educação de Jovens e Adultos sob a perspectiva de Emancipação na concepção de Paulo Freire.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2008.
- OSÓRIO, Luiz Carlos. **Grupoterapia Hoje.** Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1986.
- _____. **Grupos: Teoria e Prática – acessando a era da grupalidade.** Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 2000.
- PAES, R.R. & BALBINO, H.F. (org) **Pedagogia do Esporte: Contextos e Perspectivas.** Editora Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2005.
- PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética.** Editora Vozes, Petrópolis, 1972.
- REIS, Heloisa Helena Baldy. **Futebol e Violência,** Editora Autores Associados, Campinas, 2006.
- REVERDITO, Riller Silva & SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão.** Phorte Editora. São Paulo, 2009.
- ROJAS-BERMÚDEZ, Jaime. **Introdução ao Psicodrama.** Editora Mestre Jou, São Paulo, 1970.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso Sobre as Ciências.** 16ª Edição, Edições Afrontamento, Lisboa, 2010.

SIMÕES, R. & MOREIRA, W.W. (org) **Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio**. Editora da UNIMEP, Piracicaba, 2000.

SCHNEIDERMANN, Stuart. **Jacques Lacan, a morte de um herói intelectual**. Jorge Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1988.

TELES, Maria Luiza Silveira. **Aprender Psicologia**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1994.